UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

FÁBIO LOPES BONNA MOREIRÃO DE MAGALHÃES

**IDÉIAS PROVISÓRIAS PARA TEMPOS
PROVISÓRIOS:
A trajetória da Internacional Situacionista e
apontamentos para seu lugar na Geografia**

São Paulo
Setembro de 2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

FÁBIO LOPES BONNA MOREIRÃO DE MAGALHÃES

**IDÉIAS PROVISÓRIAS PARA TEMPOS
PROVISÓRIOS:
A trajetória da Internacional Situacionista e
apontamentos para seu lugar na Geografia**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Amélia Luísa Damiani

São Paulo
Setembro de 2011

*“These are our demands:
We want control of our bodies.
Decisions will now be ours”*

FUGAZI. Reclamation. IN *Steady Diet of Nothing*.
Washington: Dischord Records, 1991.

Agradecimentos:

Aos meus pais e avós; aos amigos do grupo de estudos dos situacionistas;
aos amigos das bandas; aos amigos da editora; aos amigos de bicicleta; aos
amigos de todos os lugares; à amiga e orientadora Amélia Luísa;
e à amiga e meu amor Belisa.

RESUMO

Nesta pesquisa procuramos estabelecer as bases teóricas e práticas da Internacional Situacionista e de dois de seus principais teóricos, Guy Debord e Raoul Vaneigem. Para aprofundar a compreensão, fomos em busca das origens desse grupo no Lettrismo, na Internacional Lettrista e Movimento por uma Bauhaus Imaginista, em uma tentativa de estabelecer uma trajetória. O início, no Lettrismo, se estabelece como vanguarda artística, para logo quebrar com a perspectiva de uma proposta estética e realizar um aprofundamento de caráter marxista na crítica à cultura e ao urbanismo, na forma metodológica do desvio e da deriva e na construção de situações, a partir dos anos da Internacional Lettrista. O processo de Decomposição da cultura faz com que alguns grupos se reúnam em uma nova internacional, desta vez Situacionista, com uma proposta inicial de revolução cultural, na e contra Decomposição. O envolvimento de Guy Debord com outros teóricos marxistas como Henri Lefebvre, radicaliza uma crítica da vida cotidiana e tira do foco uma discussão sobre cultura. O resultado é desenvolvimento do conceito de espetáculo, forma mais desenvolvida da sociedade produtora de mercadorias, e a centralização da questão do fetiche na crítica. Uma possibilidade de debate entre uma práxis revolucionária da vida cotidiana e a centralidade do fetiche da mercadoria nos parece necessária no momento atual da Geografia.

Palavras-chave: 1 – Internacional Situacionista, 2 – Espetáculo, 3 – Crítica da cultura, 4 – Vida cotidiana. 5- Espaço-tempo vivido.

ABSTRACT

This research sought to establish the theoretical and practical bases of the Situationist International and two of its leading theorists, Guy Debord and Raoul Vaneigem. To deepen understanding, we were in search of the origins of this group in Lettrism, Lettrist International and the International Movement for an Imaginist Bauhaus, in an attempt to establish a trajectory. The beginning, in Lettrism, establishes himself as the artistic vanguard, soon to break with the prospect of an aesthetic proposal and make a deeper exploration in the marxist ideas, in order to make a critique of culture and urbanism with the methodological form of the detournement, the *dérive* and the construction of situations, since the years of the Lettrist International. The process of Decomposition of the culture causes some groups to join in a new International, Situationist this time, with an initial proposal of cultural revolution, inside and against Decomposition. Guy Debord's involvement with other marxist theorists such as Henri Lefebvre, the radical critique of everyday life takes the focus from the discussion about culture. The result is the development of the concept of spectacle, most developed form of commodity-producing society, and centered on the critical question of the fetish. A possibility for discussion between a revolutionary praxis of everyday life and the centrality of the fetish seems necessary at this moment in Geography.

Key-words: 1 – Situationist International, 2 – Spectacle, 3 – Critique of culture 4 – Everyday life. 5- Space-Time of lived experience.

SUMÁRIO

1. ADVERTÊNCIA	p.07
2. A INFLUÊNCIA DO LETRISMO DE ISOU – 1951-1952	p.08
ANEXO A	p.11
3. INTERNACIONAL LETRISTA – 1952-1957	p.13
ANEXO B	p.22
4. INTERNACIONAL SITUACIONISTA, FASE ARTÍSTICA – 1957-1961	p. 30
ANEXO C	p. 40
5. INTERNACIONAL SITUACIONISTA, FASE POLÍTICA – 1961-1972	p. 50
ANEXO D	p. 56
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 61
7. BIBLIOGRAFIA	p.63

1. ADVERTÊNCIA

O presente trabalho se dedica à análise do movimento das idéias da Internacional Letrista e da Internacional Situacionista, grupos de pensamento e práxis críticos das décadas de 1950 a 1970, desde um início como vanguarda artística, passando pela crítica da vida cotidiana, a aproximação com pensadores e grupos de crítica marxista, as agitações de maio de 1968, chegando à dissolução do grupo em 1972. Um destaque é dado à figura de Guy Debord, um dos principais teóricos dos dois grupos, e Raoul Vaneigem.

O método expositivo do trabalho vai de acordo com as próprias concepções teóricas e práticas desses grupos, que dependeram diretamente do contexto e lugar nos quais foram formuladas. O trabalho se desenrola pelo tempo e vai costurando os conceitos conforme eles foram aparecendo. Os capítulos são intercalados com anexos na intenção de estabelecer um diálogo entre nosso texto e os originais desses autores.

As considerações finais lançam uma pergunta em duas partes: existe lugar para essas idéias em um pensamento crítico dentro da Geografia? E qual seria esse lugar?

2. A INFLUÊNCIA DO LETRISMO DE ISOU – 1951-1952

O Letrismo foi fundado em Paris, em 1946, por Isidore Isou e Gabriel Pomerand, propondo ao mundo cultural da cidade uma renovação completa, ampliada a toda a civilização, não se limitando somente às artes. Com muita influência dos dadaístas e dos primeiros surrealistas, o letrismo tem como horizonte a autodestruição das formas artísticas.

Um de seus primeiros campos de ação foi na poesia. O poema do futuro para Isou deveria ser completamente formal, despido de todo conteúdo semântico. O nome do movimento, letrismo, é inspirado na idéia de reduzir a poesia a seu elemento último, a letra, grafismo a ser utilizado em colagens e como som onomatopéico para declamações, num resultado onde os limites da música, poesia e arte visual se misturariam.

Dedicam-se a organização de pequenos escândalos, interrupções de *vernissages* e inaugurações de galerias de arte, peças teatrais e festivais de cinema. Em um exemplo citado por Jappe¹, um jovem vestido de monge dominicano sobe no púlpito da Notre Dame durante a páscoa de 1950 e diz aos fiéis que “Deus está morto”, provocando uma tentativa de linchamento, prisões e notícias em jornais.

Nos anos seguintes à sua formação, mais membros entram no grupo e seus campos de ação se estendem à pintura, arquitetura e cinema. É por conta desse último campo que Guy Debord cruza seu caminho com os letristas, no Festival de Cinema de Cannes em 1951, na projeção do filme letrista *Traité de Bave et d’Eternité*, completamente sem imagens e com poesias onomatopéicas e monólogos. E a partir desse encontro, Debord passa a integrar o grupo.

Sua primeira contribuição é também no campo do cinema, com a projeção, em junho de 1952, de seu filme *Hurlements en faveur de Sade*. Eis a descrição do filme e do evento de Jappe:

“...enquanto a tela está ora branca, ora negra, ouve-se uma série de citações provenientes das mais variadas fontes, observações sobre a vida dos letristas e algumas afirmações teóricas, tudo interrompido por freqüentes silêncios. No final, sucedem-se 24 minutos de silêncio e

¹ JAPPE, Anselm. *Guy Debord*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p.71.

*escuridão totais. Embora tenha sido apresentado num cineclube “de vanguarda”, o filme é interrompido ao cabo de 20 minutos por um público indignado. No início ouve-se: ‘O cinema está morto. Não pode mais haver filme. Passemos, se quiserem, ao debate’ ”.*²

A diferença deste para os filmes letristas anteriores é que Debord não propõe a criação de uma nova estética. O sentido é o de romper com a passividade do espectador. Muito rapidamente, Debord e outros membros do grupo entraram em conflito com Isou, por almejarem uma crítica social radical e de aspiração marxista. Acusaram Isou de ser idealista. Esse tipo de conflito marcaria Debord e sua trajetória nos grupos que se seguiram: por um lado, sua postura, mais radical, de negatividade e do outro uma posição que considera reacionária, positiva. Em praticamente todos os processos de exclusão e separação que se seguiram, essa relação é a mesma. O estopim da separação se passou durante a interrupção da coletiva de Charles Chaplin à imprensa no Hotel Ritz para a promoção do filme *Luzes da Ribalta* promovida pelos membros mais radicais do grupo. A ação foi denunciada pelo próprio Isou que defendia Chaplin por sua criatividade. Debord e outros três membros (Gil J. Wolman, Jean-Louis Brau e Serge Berna³) acusam Isou e seus seguidores de ‘artistas’ e fundam a Internacional Letrista em novembro de 1952.

Para Jappe, “no letrismo de Isou já se encontra boa parte do espírito que, mais tarde, caracterizará Debord [e os situacionistas]. Antes de tudo, a convicção de que o mundo inteiro deve, primeiro, ser desmontado e, depois, reconstruído, não mais sobre o signo da economia, mas sob o da criatividade generalizada⁴.” Isou não tratava esse processo como desvio (*Détournement*), mas será em cima de sua idéia que os membros da IL e, posteriormente, da IS desenvolverão esse método. Para Isou, especificamente no campo artístico: uma colagem que reaproveita elementos já existentes para a criação do novo. Para Debord e os situacionistas o desvio se amplia para o campo das idéias. Conceitos que julgam ultrapassados, de terem se destituído de seu conteúdo crítico, ou até mesmo de opinião contrárias as suas, são passíveis de serem desviados. Nas palavras dos Situs “a perda de importância de cada elemento originalmente independente (o que significa a perda completa de seu sentido original) e a organização de um novo significado que

² JAPPE, 1999. pp.71 e 72.

³ Wolman integraria a Internacional Letrista praticamente até a sua dissolução em 1957. Os outros dois dissidentes seriam expulsos da IL em 1953.

⁴ JAPPE, 1999. p.72.

confere um sentido vivo a cada elemento”⁵. Esse método estará presente em toda a obra posterior de Debord, assim como nos textos das Internacionais Letrista e Situacionista⁶.

Além disso, “a aspiração à superação da divisão entre artista e espectador, bem como a introdução dos comportamentos e sentimentos – em outros termos, do estilo de vida – nas artes, tornam-se também idéias centrais [nos situacionistas]”.⁷

⁵ Situacionista, teoria e prática da revolução. São Paulo: Conrad, 2002. p. 16.

⁶ Mais sobre o desvio no Anexo A.1, página 11 deste trabalho e no próximo capítulo.

⁷ JAPPE, 1999. p. 70.

ANEXO A

A.1. O desvio⁸

"O desvio, isto é, o reemprego numa nova unidade de elementos artísticos pré-existentes, é uma tendência permanente da atual vanguarda, anterior à constituição da Internacional Situacionista, como desde. As duas leis fundamentais do desvio são: a perda de importância - indo até o desperdício de seu primeiro sentido - de cada elemento autônomo desviado; e, ao mesmo tempo, a organização de um outro conjunto significativo, que confere a cada elemento seu novo alcance."

"Há uma força específica no desvio, que assegura evidentemente o enriquecimento da maior parte dos termos pela coexistência neles de seus sentidos antigo e imediato – seu duplo fundo. Há uma utilidade prática pela facilidade de emprego, e pelas virtualidades inesgotáveis de reemprego; a propósito do menor esforço permitido pelo desvio, nós já dissemos (*Modo de emprego do desvio*, maio 1956): 'O bom desempenho desses produtos é a pesada artilharia com a qual se destrói todas as muralhas da China'. Entretanto, esses pontos por si mesmos não justificam o recurso ao procedimento que a frase precedente mostrava 'chocam-se de frente a todas as convenções mundanas e jurídicas'. Há um sentido histórico do desvio? Qual é ele?"

"O desvio é um jogo devido à capacidade de desvalorização", escreveu Jorn, no seu estudo *Pintura desviada* (maio 1959), e ele acrescentou que os elementos do passado cultural devem ser 'reinvestidos' ou desaparecer. O desvio se revela assim primeiro como a negação do valor da organização anterior da expressão. Ele surgiu e se reforçou cada vez mais no período histórico da deterioração artística. Mas, ao mesmo tempo, os ensaios do reemprego do 'bloco desviado' como material para um outro conjunto exprimem a busca de uma construção mais vasta, num nível de referência superior, como uma nova unidade monetária de criação."

"A I.S. [Internacional Situacionista] é um movimento muito particular, de uma natureza diferente das vanguardas artísticas precedentes. A I.S. pode ser comparada, na cultura, por exemplo, a um laboratório de pesquisas, e da mesma forma a um partido, onde nós somos situacionistas, e onde nada do que fazemos é situacionista. Isto não é uma retratação para ninguém. Nós somos partidários de um certo futuro da cultura, da vida. A atividade situacionista é uma habilidade definida que nós não exercemos ainda."

⁸ Internationale Situationniste. Paris: Arthème Fayard, 1997. pp. 78 e 79 (revista n.º 3, de dezembro de 1959, pp. 10 e 11).

“Assim, a assinatura do movimento, o traço de sua presença e de sua contestação na realidade cultural de hoje, pois que não podemos em nenhum caso representar um estilo comum, qualquer que seja, é antes o emprego do desvio. Pode-se citar, ao estado de expressão desviada, as pinturas modificadas de Jorn; o livro ‘inteiramente composto por elementos pré-fabricados’ de Debord e Jorn, *Memórias* (no qual cada página se lê em todos os sentidos, e onde as relações recíprocas das frases são sempre inacabadas); os projetos de Constant para esculturas desviadas; no cinema, o documentário desviado de Debord *Sobre a passagem de algumas pessoas através de uma bastante curta unidade de tempo*. Ao estado do que o *Modo de emprego do desvio* chamava ‘ultra-desvio’, isto é, as tendências do desvio a se aplicar na vida social e cotidiana’ (por exemplo as palavras convencionais graças às quais nos fazemos reconhecer ou o disfarce de vestimenta, pertencente à esfera do jogo), seria preciso falar, em níveis diferentes, da pintura industrial de Gallizio; do projeto ‘orquestral’ de Wyckert para uma pintura em série com divisão do trabalho sob a base da cor; dos múltiplos desvios de edifícios que estarão na origem do urbanismo unitário. Mas seria aqui o lugar de citar as próprias formas da ‘organização’ da I. S., e de sua propaganda.”

“Neste ponto da marcha do mundo, todas as formas de expressão começam a cair no vazio, e se parodiam elas próprias. Como os leitores desta revista podem constatá-lo freqüentemente, a escrita de hoje tem sempre alguma coisa de paródia. ‘É preciso, anunciava o *Modo de emprego*, conceber um estado paródico-sério onde a acumulação de elementos desviados, longe de querer suscitar a indignação ou o riso ao se referir à noção de uma obra original, mas marcando ao contrário nossa indiferença por um original vazio de sentido e esquecido, se empregaria para trazer um certo sublime.’”

“O paródico-sério recobre as contradições de uma época na qual nos encontramos, tão imperiosas, a obrigação e a quase impossibilidade de reunir de novo, de dirigir, uma ação coletiva totalmente inovadora. Onde o mais sério põe máscara no duplo jogo da arte e de sua negação; onde as essenciais viagens de descoberta foram empreendidas pelas pessoas de uma tão comovedora incapacidade.”

03. INTERNACIONAL LETRISTA – 1952-1957

*“Acreditamos que o exercício da liberdade mais urgente é a destruição de ídolos, especialmente quando estes se apresentam em nome da liberdade. O tom provocativo de nosso panfleto foi um ataque contra um entusiasmo unânime e servil. O fato de ter sido desaprovado por certos letristas, inclusive Isou, apenas revela a incompreensão constantemente renovada entre extremistas e aqueles que não mais o são...”*⁹

O trecho acima foi retirado do texto que anuncia a criação da IL, publicado na revista *Combat* de 2 de novembro de 1952.

O momento histórico vivido na França¹⁰ à época da criação da IL é bastante relacionado com sua atuação. Tanto o campo artístico quanto o político são marcados por pouca efervescência e carga revolucionária. Nas artes, o surrealismo entrou em completa decadência no pós-guerra e surge na pintura francesa o novo academicismo da École de Paris. Na política, a única posição anti-burguesa figura no Partido Comunista, que promove verdadeira perseguição aos intelectuais que não seguem a risca seus manuais, é de um dogmatismo completamente alinhado com o stalinismo da URSS. A elaboração das idéias e práticas da IL também são indissociáveis das rápidas e profundas mudanças no modo de vida francês. Se no início dos anos 1950 a economia francesa ainda se encontrava “atrasada” em relação aos seus vizinhos, o aumento da produção industrial francesa foi de 57% entre 1953 e 1958. Além de um crescimento quantitativo, esse quadro também causou profundas mudanças na vida cotidiana. Para Jappe:

“A súbita irrupção da modernidade, num momento em que esta já existe em outros países, faz com que a França, mais do que em outros lugares, se possa ver chegar a modernização capitalista¹¹; e a jovem geração do período é particularmente levada a sentir a mudança. Toda a importância da I.L. e da IS reside no fato de que estiveram entre os primeiros que reconheceram nesses novos fenômenos os dados de base de uma nova luta

⁹ *Internationale Lettriste* #1, December 1952. <http://www.notbored.org/letter-to-Combat.html>. Tradução livre do autor.

¹⁰ Para um relato mais detalhado deste momento histórico, ver Anexo B.1 na página 22 deste trabalho.

¹¹ Como ressalta o *Dicours préliminaire* da revista *Encyclopédie des nuisances*, Paris, 1984. p.13.

*de classes. A questão que aparece tão frequentemente em suas publicações: ‘Esses novos meios servirão para a realização dos desejos humanos?’, explica-se no quadro da mais profunda reestruturação da vida cotidiana que a França já conheceu.’*¹²

A atividade inicial dos letristas da IL se assemelhava bastante com o modus operandi dos letristas da chamada “velha guarda”. A primeira publicação do grupo se chamava simplesmente *Internationale Lettriste*. Quatro números de duas a três páginas foram publicados entre 1952 e 1954. A maior parte dos textos são ataques a Isou e “seu” Letrismo. Não existem relatos precisos da atividade inicial da IL para além desses pequenos textos. Somente em 1954 é lançado o boletim *Potlatch*, publicação que chegaria a um total de 29 edições, entre 1954 e 1957. Em seu primeiro número, de 22 de junho de 1954, anuncia-se:

*“Potlatch: Vai recebê-lo muitas vezes, A Internacional Lettrista analisará neste boletim os assuntos da semana. Potlatch é a publicação mais comprometida do mundo: trabalhamos pelo estabelecimento consciente e coletivo de uma nova civilização.”*¹³

A revista é enviada para seus leitores, e não distribuída na rua. Eles explicam o método na abertura do número 2, de 29 de junho de 1954:

*“Algumas centenas de pessoas determinam o pensamento da época. Podemos dispor delas, quer o saibam ou não. Potlatch, enviado a certas pessoas bem distribuídas do mundo, permite-nos perturbar o circuito onde e quando o quisermos fazer. Alguns leitores foram arbitrariamente escolhidos. Você tem, apesar de tudo, a sorte de ser um deles.”*¹⁴

As primeiras revistas promovem diversos textos sobre a situação da classe trabalhadora, seja francesa, marroquina ou guatemalteca. Classifica como melhor

¹² JAPPE, 1999, p.76.

¹³ POTLATCH. 1954-1957. *O boletim da internacional letrista*. Fenda: Lisboa, 2006. p.13.

¹⁴ POTLATCH, 2006. p.17.

notícia da semana a morte de dois padres. Mas já no seu número 5, de 20 de julho de 1954, anuncia sucintamente o projeto da IL nessa altura:

“Resposta a um inquérito do grupo surrealista belga.

‘Que sentido dá à palavra poesia?’

A poesia esgotou seus últimos prestígios formais. Para além da estética, está inteiramente no poder dos homens sobre suas aventuras. A poesia lê-se nos rostos. É por isso urgente criar novos rostos. A poesia está na forma das cidades. Por isso vamos construí-las transformadoras. A beleza nova será DE SITUAÇÃO, quer dizer provisória e vivida.

As últimas variações artísticas interessam-nos apenas pela força influencial que nelas possamos por ou descobrir. A poesia para nós não significa senão a elaboração de comportamentos absolutamente novos e dos meios de nos apaixonarmos por eles.”¹⁵

A resposta para a poesia poderia ser utilizada para praticamente todos os outros meios artísticos. Deste seu início a IL não se apresenta como um grupo com proposta estética. Para eles, é uma questão de “arte de viver”, da vida se tornando arte:

“Sempre nos declaramos que uma certa prática da arquitetura, por exemplo, ou da agitação social, representavam apenas para nós meios de nos aproximarmos de uma forma de vida a construir.”¹⁶

Esse é um ponto importantíssimo para o entendimento de sua obra e legado. Em momento posterior, no início da IS, os próprios membros da IL admitem estarem “dando um passo atrás”, já que na sua junção com outros grupos, a preocupação estética volta a ser o tema por alguns anos¹⁷.

O texto acima também cita três termos muito importantes, tanto para a IL quanto para a IS: *provisório*, *vivido* e, no primeiro texto no qual o termo aparece, a *situação*¹⁸. A situação deve ser provisória, pois a vida está em movimento constante, não é possível

¹⁵ POTLATCH, 2006. pp. 34 e 35.

¹⁶ POTLATCH, 2006. p 38.

¹⁷ Mais sobre essa fase da IS no capítulo 4, página 30 deste trabalho.

¹⁸ O conceito da construção das situações é mais antigo, aparece em um texto de 1953, o “Formulário para um novo urbanismo”, de Gilles Ivain (pseudônimo do russo Ivan Vladimirovitch Chtcheglov), então membro da IL, mas que somente foi publicado em 1958, no número 1 da revista da IS.

criar dogmas estáticos que resolvam as contradições que estão sempre em movimento. O termo provisório também lhes é caro por identificar o contrário de uma doutrina. Por isso para eles não existe o LetrISMO ou o SituacionISMO. A situação deve ser vivida, como o contrário do estado de alienação, é uma tomada de consciência, é uma mobilização, saída da estagnação alienada e alienante da reprodução do Capital.

Não existe um manual para a construção de situações, por isso é difícil entender exatamente o que poderia ser considerado uma situação. A edição número 7 de Potlatch, de 3 de agosto de 1954, dá algumas “pistas”:

*“A construção de situações será a realização contínua de um grande jogo deliberadamente escolhido; a passagem de um para outro destes cenários e destes conflitos [...] Para esta síntese deverão concorrer uma crítica do comportamento, um urbanismo influencial, uma técnica das atmosferas e das relações, cujos primeiros princípios conhecemos.”*¹⁹

Em Potlatch, também é comum o termo ser utilizado como “provocação de situações”. E nesse ponto, encontramos no projeto a questão do plano afetivo. No número 16 de Potlatch, de 26 de janeiro de 1955, um texto de Debord anuncia:

*“... todas as obras válidas dessa geração e dos precursores que ela se reconheceu levam a pensar que a próxima transformação da sensibilidade já não poderá conceber-se no plano de uma expressão inédita de fatos conhecidos, mas no plano da construção consciente de novos estados afetivos.”*²⁰

A busca desse plano afetivo é um aspecto central no projeto dos letristas, e por extensão dos situacionistas. Até o conceito de desvio, já tratado no capítulo anterior, pode ser relacionado à questão do plano afetivo. Para explicar isso é interessante recorrer à discussão sobre dilaceramento do indivíduo. O processo de constituição do sujeito se dá pela realização da experiência: sua relação com o outro e com o espaço. Historicamente essa relação é cada vez mais mediatizada. Se enquanto seres irracionais nossa relação com o objeto era direta, nós éramos os objetos, a civilização (antes de

¹⁹ POTLATCH, 2006. p. 42.

²⁰ POTLATCH, 2006. p. 78.

mais nada uma série de mediações) nos distancia do objeto cada vez mais no curso de seu "desenvolvimento". O primeiro momento deste distanciamento é o estabelecimento da hierarquia, o poder constituído pela força e pelo roubo, transfigurado como propriedade privada. No momento em que nos encontramos, o "progresso" civilizatório chega a um ponto no qual o homem deixa completamente de ser sujeito e passa a se relacionar somente por imagens, idealizações. O sujeito de nossa época é o Capital, o homem passa a se realizar somente como mercadoria; portanto, negativamente. A cidade produzida pelo Capital não oferece a possibilidade de experiência, o indivíduo não tem espaço para acontecer na metrópole. A cidade se deforma; a casa também, e o indivíduo é a síntese dessa destituição. Para atingir o indivíduo dilacerado não é suficiente racionalizar uma discussão. Atingi-lo por meio da provocação, da criação de uma situação, por um texto desviado de um autor de seu conhecimento²¹. Esse tipo de atividade atinge o indivíduo no plano afetivo, desloca-o e provoca o rompimento de sua passividade, o agride. O que parece irracional, se pensarmos por exemplo nos aspectos situacionistas da greve selvagem, tem a ver com o plano afetivo, com o corpo mais do que com a cabeça, com o emocional mais do que o racional.²² Vida cotidiana é vida, e por isso é vivida, pensar somente sobre ela não resolve as contradições, as contradições são sentidas. O plano afetivo é um ponto muito importante para tentar entender o sentido da provocação/construção das situações. Sua localização nesse projeto coletivo não se assemelha a uma posição no interior da fenomenologia husserliana, que privilegia a descrição e nega a necessidade do conceito; ela não se afasta da crítica radical ao processo abstrato e, ao mesmo tempo, real e concreto do capital.²³

Além de seu papel no rompimento da passividade, o conceito do desvio para a IL já se configura como seu método central. Ao invés de criar formas novas, os letristas de

²¹ Os surrealistas demonstraram a potência disso. O único contato direto entre os dois grupos aconteceu para a organização de uma contestação às comemorações oficiais do centenário de Rimbaud, mas os surrealistas se retiraram após considerarem o texto produzido pela IL "demasiado marxista". A IL então ataca os surrealistas em um folheto, respondido pelos surrealistas com um panfleto que acusa a IL de "falsificarem diversas declarações [...] Fazem a mesma coisa com Lênin, cujo pensamento deformam, provando assim até a evidência que são desprovidos do sentido mais elementar de lealdade para com as idéias [...] Na ausência dessa lealdade, nada subsiste exceto um detrito stalinista." (Potlatch nº14, novembro de 1954 in POTLATCH, 2006. p. 67.). Em nota, Breton faz questão de expor a frase desviada de Lênin: "Em uma sociedade baseada na luta de classes, não pode existir história literária imparcial".

²² Quando a relação com o espaço é abstrata e mediática - ao modo de nossa economia -, ela destrói o corpo, como sensibilidade, afeto, felicidade, atos lúdicos. Busca-se a mudança cotidiana, com a poesia incluída na forma das cidades.

²³ "O capitalismo moderno, que organiza a redução de toda a vida social ao espetáculo, é incapaz de dar um outro espetáculo senão aquele de nossa própria alienação." (INTERNATIONALE SITUATIONNISTE, Revista nº 6, agosto de 1961. In: *Internationale Situationniste*, Paris, Fayard, 1997. pp. 214 a 217). Texto na íntegra no anexo B.2, página 24 deste trabalho.

propõe retomar elementos já existentes, dispondo-os de modo distinto. Para Jappe “trata-se de uma citação, ou de uma reutilização num sentido mais geral, que ‘adapta’ o sentido original a um novo contexto”, e também “uma maneira de superar o culto burguês da propriedade privada do pensamento”, inclusive se utilizando de formas burguesas como a propaganda, modificando seu sentido, ou “ao contrário, permanecer fiel ao sentido do original – por exemplo, uma frase de Marx - mudando sua forma”. Jappe ainda relaciona o desvio à colagem dadaísta, mas enquanto a última “se limita a uma desvalorização, o desvio baseia-se numa dialética de desvalorização e revalorização”. Mais de 10 anos depois, em *A Sociedade do Espetáculo*, Debord “explicará” o desvio desviando uma frase de Lautréamont²⁴:

*“As idéias melhoram. O sentido das palavras entra em jogo. O plágio é necessário. O progresso supõe o plágio. Ele se achega à frase de um autor, serve-se de suas expressões, apaga uma idéia errônea, a substitui pela correta.”*²⁵

Outro conceito importante que teve geração nessa época é a psicogeografia. A psicogeografia é a resposta da IL ao urbanismo funcionalista moderno. Jappe conceitua a psicogeografia como um “termo pelo qual [os letristas] designam a observação sistemática dos efeitos produzidos pelas diferentes ambiências urbanas sobre o estado de espírito”²⁶. É possível, portanto, estabelecer uma relação intrínseca com o plano afetivo, em como o urbanismo “pesa” sobre o corpo. Mais além, as descrições psicogeográficas, atingidas através das derivas²⁷, estabelecem novos mapeamentos, espaços e lugares transitórios, constrói um relevo para além do visível, mais real do que o “relevo real”. A psicogeografia é ao mesmo tempo crítica do urbanismo funcionalista e proposição de seu outro, o urbanismo unitário: “a construção de ambiências que

²⁴ O Conde de Lautréamont, pseudônimo do poeta uruguaio do século XIX Isidore Lucien Ducasse, que viveu na França. Considerado por André Breton como o precursor do surrealismo e pelos situacionistas como a grande inspiração para o conceito de desvio.

²⁵ DEBORD. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p.134. Outros exemplos de desvios deste livro no anexo D.2, página 57 deste trabalho.

²⁶ JAPPE, 1999. p. 83.

²⁷ “uma técnica de passagem rápida por ambiências variadas [...] indissolavelmente ligada ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico-constructivo [...] entregar-se às solicitações do terreno e das pessoas que nele venham a encontrar.” DEBORD, Guy. *Teoria da Deriva* in JACQUES, Paola Berenstein (org). *Apologia da Deriva - Escritos Situacionistas sobre a Cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. O Anexo B.3, na página 28 deste trabalho apresenta alguns relatos psicogeográficos.

permitam não expressar, mas sim suscitar novas sensações”²⁸. É importante também frisar que a psicogeografia e o urbanismo unitário são os primeiros pontos de contato da IL com outros grupos europeus que vieram a compor a Internacional Situacionista.

Uma característica muito interessante do boletim Potlatch é que, de tempos em tempos, a IL publica textos no quais exprimem, de maneira mais franca, seu projeto e suas próprias contradições internas. Isso não acontecerá com a IS, que se desenvolve de maneira mais fechada. É possível separar alguns desses momentos para termos uma idéia da trajetória dos quatro anos de publicação da revista. De maneira estrita, o primeiro número no qual esse tipo de texto aparece é o número 14, de 30 de novembro de 1954²⁹. Com o título auto-explicativo, A linha geral³⁰, o texto descreve de maneira sucinta o projeto da IL, que “propõe-se estabelecer uma estrutura apaixonante da vida” através da experimentação de “comportamentos, formas de decoração, de arquitetura, de urbanismo e de comunicação de modo a provocarem situações atraentes”. Atribui à IL um “papel de oposição ideológica produzido pelas condições históricas”, e já demonstram a total recusa ao modo de vida burguês, “as construções coletivas que nos agradam são possíveis somente depois do desaparecimento da sociedade burguesa, da distribuição dos produtos, dos seus valores morais”, e ainda,

“contribuiremos para a ruína desta sociedade burguesa continuando a crítica e a subversão completa da sua idéia dos prazeres, bem como introduzindo palavras de ordem úteis para a ação revolucionária das massas.”

Um texto muito importante de Potlatch, e que entra nessa linha autocrítica, é “Porque Letrismo?”, da edição 22, de 9 de setembro de 1955³¹. É um texto mais longo do que o usual na revista, assinado por Debord e Wolman, nessa altura os dois únicos fundadores remanescentes, no qual, de certa maneira, resumem a atividade do grupo até o momento. Na primeira parte, definem que o último pós-guerra na Europa como

²⁸ JAPPE, 1999. p. 83.

²⁹ É interessante frisar que pouco mais da metade dos números da revista (15) foram publicados ainda em seu primeiro ano, 1954. Durante 1955, a revista aumenta seu número médio de páginas e passa a ter periodicidade mensal, ou perto disso. A partir de 1956 as edições rareiam e perde-se qualquer noção de periodicidade, com meses de diferença entre determinados números.

³⁰ POTLATCH, 2006. p. 65.

³¹ POTLATCH, 2006. pp.117 a 126.

“período do malogro generalizado das tentativas de mudança, tanto no plano afetivo como no plano político”, e indicam um recuo das esperanças revolucionárias do período entre guerras, em parte pela progressão dos fascismos, outra parte pela captura das formas artísticas ditas de vanguarda pelos meios burgueses – como por exemplo da publicidade – , parte pelo próprio recuo formal em todas as formas de arte, da arquitetura à poesia e o cinema. Classificam a atividade dos Letristas de Isou em 1950 como “provocações insuportáveis que desencadeavam nas artes uma aflição mortal”, na qual ambos “alistaram-se sem hesitar”. Apesar disso, atribuem ao grupo uma “confusão de idéias bastante grande”. A poesia onomatopéica, por exemplo, era “a única poesia do momento, condenando assim à morte todas as outras formas, como o prazo também a si própria”. Acusam o Letrismo de não propor nada senão “soluções” formais ao concederem “à criação de novas formas o mais alto valor entre todas as atividades humanas”, mas sem perceberem que “não tendo esta crença nem outras causas nem outros fins que não ela própria, é a base da posição idealista dentro das artes”, ao mesmo tempo em que atribuem a importância da forma já que “não é menos evidente que os poderes de uma obra no seu tempo não podem depender apenas do conteúdo”. Mais adiante, revelam a contradição dos próprios membros da IL se considerarem “letristas”, já que o termo “define mal pessoas que não concedem qualquer estima particular a essa espécie de sonoplastias”, mas reconhecem que “é de uma educação burguesa mais ou menos requintada que retiramos, senão tais idéias, pelo menos este vocabulário”, e assumem que, apesar de já terem alcançado uma “evolução de nossas investigações”, mantêm certos termos pois “excitavam de pronto o furor de toda a espécie de gente” e , mais adiante, “mas se estamos doentes, nossos detratores estão mortos”. A exclusão de membros do grupo, da qual grande parte a censura para com a IL apontava, é considerada por eles como uma penalidade por considerarem “precioso o acordo com alguns sobre o conjunto de tomadas de posição sobre quase todos os aspectos da existência”. Não admitem a diferença entre o que é exercício do pensamento com a práxis cotidiana, “melhor mudar de amigos do que de idéias” e “a idéia que temos das relações humanas nos obriga a torná-las questões de pessoas, sobredeterminadas porque questões de idéias”. Terminam por reafirmar a recusa de uma proposta estética, “trata-se de uma maneira de viver que passará por muitas explorações e formulações provisórias, e que tende ela própria a exercer-se apenas no provisório”.

Alguns meses mais tarde, na edição 25 de Potlatch, de 26 de janeiro de 1956, um texto intitulado “Contradições da atividade Letrista-Internacionalista”³² discorre sobre as dificuldades de manter um grupo coeso

“Pouco mais temos em comum além do gosto do jogo, mas leva-nos longe. As realidades sobre as quais nos é fácil chegarmos a um acordo são as mesmas que sublinham o aspecto obrigatoriamente precário da nossa posição: é muito tarde para fazer arte; um pouco cedo para construir concretamente situações de alguma dimensão; a necessidade de agir não sofre qualquer dúvida”.

E apontam as duas “tendências desviacionistas” de seus membros: recaídas numa perspectiva artística e recaídas para o ocultismo. A primeira é auto-explicativa, não há lugar para estetas em um grupo que recusa uma proposta estética. A segunda diz respeito à psicogeografia, que já tratamos neste capítulo. No texto, a IL revela que “a análise e repressão dessa última tendência levaram-nos a por termo à relativa liberdade política que até aqui tínhamos” pois isso minava a perspectiva de “qualquer atividade situacionista conseqüente de uma psicogeografia materialista”. É a única vez que “psicogeografia materialista” aparece em Potlatch, e não acreditamos que tenha sido por acaso. Já falamos que psicogeografia e, por extensão, o plano afetivo, nada tem a ver com a fenomenologia husserliana. Acreditamos que é a esse tipo de ocultismo fenomenológico que alguns dos membros da IL parecem ter sido atraídos. O uso do termo materialista reforça a posição não idealista da psicogeografia.

As exclusões de membros, por conta dessas duas tendências, acabam por sinalizar o primeiro traço de que a IL estava chegando a um momento de transformação inevitável. No mesmo texto diz que “neste momento só um muito pequeno número de indivíduos se encontra predisposto a ocupar-se da nossa busca” pois “não é de se admirar que uma transformação radical das necessidades e das perspectivas acarrete aqui, como em qualquer outro ramo da economia, grandes perdas de pessoal especializado”. Apesar disso, não deixam de considerar “necessário chegarmos à resolução dialética dos conflitos que caracterizam o período atual, sem descurarmos seja que aspecto for da transformação da vida”.

³² POTLATCH, 2006. pp.149 a 151.

ANEXO B

B.1. Momento histórico de surgimento da Internacional Letrista³³

Antes de acompanhar a trajetória dessa singular organização [a Internacional Letrista], é oportuno deter-se um instante para examinar o momento histórico em que surgiu.

A década de 20, em especial sua primeira metade, é marcada na França por uma notável efervescência que continua até os anos 30. Ao contrário, após a Libertação em 1945, exceto um muito breve momento de euforia, o clima político e cultural é sobretudo cinzento, a mil léguas de qualquer novidade revolucionária. Se o surrealismo já havia perdido muito de sua carga inovadora desde a década de 30, sua decadência, após a guerra, torna-se brutalmente evidente: observam-se os sinais disso, de um lado, por sua entrada nos templos de arte burguesa e na publicidade; de outro, pela involução espiritualista de muitos de seus adeptos³⁴. Apenas fora da França é que ele ainda pode inspirar, pelo menos indiretamente, grupos como COBRA, na Holanda, Bélgica e Dinamarca, ou como o grupo belga de Marcel Mariën. Ao contrário, na França, vê-se o aparecimento, na pintura, de um novo academicismo um pouco “vanguardista”, conhecido pelo nome de “École de Paris”. No campo literário, as velhas glórias como Mauriac ou Gide continuam imperturbáveis, ao passo que parece esgotada qualquer veia realmente inovadora.

As coisas são mais nítidas ainda no campo da política. Às forças burguesas parece só se opor o Partido Comunista, expulso do governo em 1947 mas detentor de um quarto dos votos e de um prestígio muito grande, inclusive junto às outras forças políticas, devido seu papel na Resistência e à sua política “nacional”. Absolutamente fiel à URSS de Stálin, o PCF caracteriza-se por um dogmatismo delirante, denunciando entre outras coisas, exatamente no início da década de 50, a “pauperização absoluta do proletariado” e desvairando com uma “lógica proletária”. Na França, mais que em qualquer outro país ocidental, o Partido Comunista exerce um verdadeiro terrorismo sobre os intelectuais e chega a asfixiar qualquer pensamento de esquerda que não se desenvolva segundo seus manuais. Nessa época, não se encontra praticamente nenhum intelectual – exceto, naturalmente os intelectuais burgueses – que não se submeteu a ele durante algum tempo, inclusive os especialistas do anti-stalinismo que deveriam pulular alguns anos

³³ In JAPPE, Anselm. *Guy Debord*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. pp. 73 a 76.

³⁴ Para mais sobre o surrealismo, ver cap. 4, p. 31 deste presente trabalho. [nota do autor]

mais tarde. A revista *Les Temps Modernes* esboça, após 1945, uma crítica do stalinismo, mas é significativo que três de seus quatro fundadores – Merleau-Ponty, Aron e Camus – rapidamente passem para o campo liberal; e mais significativas ainda são as contorções obscenas do quarto, Sartre, diante do “caráter socialista” da União Soviética e da “extraordinária inteligência objetiva” do PCF – como escreve ainda em fevereiro de 1956.

Também se vê aparecerem grupos trotskistas, anarquistas e bordiguistas. Porém, exceto a total incapacidade de se fazerem ouvir em público, estes sofrem as consequências das estruturas autoritárias e da esterilidade teórica – os trotskistas não conseguem sequer decidir entre si se a sociedade soviética é ou não uma sociedade de classes. De divergências desse tipo nascerá, no início de 1949, o grupo que vai publicar a revista *Socialisme ou Barbarie*, única posição marxista independente, de um certo nível teórico, que então existe na França. No começo, entretanto, ela não se distingue muito dos “comunistas de esquerda” da década de 20 e não busca, de modo algum, a junção entre a teoria revolucionária marxista e a exigência das vanguardas de “mudar a vida”. É possível afirmar, pois, que o letrismo de Isou, apesar de todos os seus limites, representa a única verdadeira novidade do pós-guerra³⁵.

Se a atividade dos situacionistas, nos anos 60, era uma tentativa de resposta à nova situação social criada pelo capitalismo modernista, sua elaboração durante os anos da Internacional letrista é indissociável da rápida e profunda mudança que a França sofreu durante a década de 50. Enquanto, no início desse período, a economia francesa ainda está relativamente atrasada em relação à dos países do Norte – a taxa das pessoas empregadas na agricultura (27%) é o dobro da taxa holandesa (13%) –, no espaço de alguns anos ela alcança a dos países mais desenvolvidos. Sua taxa de crescimento do rendimento por hora de trabalho é a mais elevada do mundo, e entre 1953 e 1958 a produção industrial na França aumenta 57%, ao passo que nos outros países europeus a média é de apenas 33%³⁶. Não se trata de um simples crescimento quantitativo, mas de uma passagem qualitativa que abala profundamente a vida cotidiana, introduzindo um “estilo” representado pela expressão “métro-boulot-dodo” (metrô-trabalho-descanso). Os anos culminantes da atividade dos jovens letristas correspondem exatamente a esse breve lapso de tempo – entre 1954 e 1956 – em que os sociólogos acreditam, hoje,

³⁵ Como afirma um sociólogo muito mais interessado pelos grupos marxistas que pelas tendências artísticas, Richard Gombin, *Les Origines du Gauchisme*, Le Seuil, Paris, 1971, p. 79.

³⁶ Dados citados in Cornelius Castoriadis, “Perspectives de la crise française” (1958), reproduzido in Castoriadis, *La Société française*, Union Générale d’Éditions, col. 10/18, Paris, p. 108 e 139.

reconhecer o ponto culminante de uma “segunda e silenciosa revolução francesa” que arrancou violentamente “a França de seu quadro ainda tradicional” e que marca o início da “alienação” atual³⁷. Em 1953, dá-se a primeira transmissão televisionada direta. 1955, a máquina de lavar roupa aparece no mercado e, no mesmo ano, foram construídos, em Sarcelles, os primeiros *grandes conjuntos*, as “habitações de aluguel moderado” que inundaram os subúrbios franceses. Entre 1954 e 1956, os gastos dos franceses com eletrodomésticos dobram. Em 1957, o número dos estudantes da escola secundária multiplicara-se por seis no período de vinte anos. A súbita irrupção da modernidade, num momento em que esta já existe em outros países, faz com que a França, mais do que em outros lugares, se possa *ver chegar* a modernização capitalista³⁸; e a jovem geração do período é particularmente levada a sentir a mudança. Toda a importância da I.L. e da IS reside no fato de que estiveram entre os primeiros que reconheceram nesses novos fenômenos os dados de base de uma nova luta de classes. A questão que aparece tão frequentemente em suas publicações: “Esses novos meios servirão para a realização dos desejos humanos?” explica-se no quadro da mais profunda reestruturação da vida cotidiana que a França já conheceu.

B.2. Programa elementar de urbanismo unitário³⁹

1. Nada do urbanismo e nada do espetáculo

O urbanismo não existe: não é senão uma “ideologia”, no sentido de Marx. A arquitetura existe realmente, como a coca-cola: é uma produção coberta de ideologia, mas real, satisfazendo falsamente uma necessidade falseada. Enquanto o urbanismo é comparável à vitrine publicitária em torno da coca-cola, pura ideologia espetacular. O capitalismo moderno, que organiza a redução de toda a vida social ao espetáculo, é incapaz de dar um outro espetáculo senão aquele de nossa própria alienação. Seu sonho de urbanismo é sua obra-prima.

³⁷ *Le Debat*, nº50 (Matériaux pour servir à l’histoire intellectuelle de la France 1953-1987), maio-agosto de 1988, p.174.

³⁸ Como ressalta o *Dicours préliminaire* da revista *Encyclopédie des nuisances*, Paris, 1984, p.13.

³⁹ KOTANYI, A. VANEIGEM, R. INTERNATIONALE SITUATIONNISTE, Boletim n.º 6, agosto de 1961.(In: *Internationale Situationniste*, Paris, Fayard, 1997. pp.214 a 217)

2. A planificação urbana como condicionamento e falsa participação

O desenvolvimento do meio urbano é a educação capitalista do espaço. Ele representa a escolha de uma certa materialização do possível, com a exclusão de outros. Como a estética, da qual ele vai seguir o movimento de decomposição, ele pode ser considerado como um ramo bastante negligenciado da criminologia. Entretanto, o que o caracteriza no nível do “urbanismo”, em relação a seu nível simplesmente arquitetural, é o fato de exigir um consentimento da população, uma integração individual no desencadeamento desta produção burocrática do condicionamento.

Tudo isto é imposto por meio da chantagem da utilidade. Esconde-se que a importância completa desta utilidade é colocada a serviço da reedificação.

O capitalismo moderno faz renunciar a toda crítica pelo simples argumento que é preciso um teto, da mesma forma que a televisão se afirma sob o pretexto de que é preciso informação, divertimento. Levando a negligenciar a evidência que esta informação, esta diversão, este modo de habitat não são feitos para as pessoas, mas sem elas, contra elas.

Toda planificação urbana se compreende somente como campo da publicidade-propaganda de uma sociedade, isto é, a organização da participação em qualquer coisa em que é impossível participar.

3. A circulação, estágio supremo da planificação urbana

A circulação é a organização do isolamento de todos. É assim que ela constitui o problema dominante das cidades modernas. É o contrário do encontro, a absorção das energias disponíveis para os encontros, ou para não importa qual sorte de participação. A participação tornada impossível é compensada sob a forma de espetáculo. O espetáculo se manifesta no habitat e no deslocamento

(standing da moradia e dos veículos pessoais). Porque, com efeito, não se habita um bairro de uma cidade, mas o poder. Habita-se alguma parte na hierarquia. No cume desta hierarquia, os graus podem ser medidos no nível de circulação. O poder se materializa pela obrigação de estar presente cotidianamente em lugares cada vez mais numerosos (jantares de negócios) e cada vez mais distantes uns dos outros. Poder-se-ia caracterizar o alto dirigente moderno como um homem que precisa estar em três capitais diferentes, no curso de um só dia.

4. O distanciamento diante do espetáculo urbano

A totalidade do espetáculo que tende a integrar a população se manifesta também como organização das cidades e como rede permanente de informações. É um quadro sólido para proteger as condições existentes da vida. Nosso primeiro trabalho é permitir às pessoas parar de se identificar ao ambiente e às condutas modelos. O que é inseparável de uma possibilidade de se reconhecer livremente em algumas primeiras zonas delimitadas pela atividade humana. As pessoas serão ainda obrigadas durante longo tempo a aceitar o período reificado das cidades. Mas a atitude com a qual elas a aceitarão pode ser mudada imediatamente. É preciso sustentar a difusão da desconfiança com relação a estes jardins arejados e coloridos que constituem, à Leste como à Oeste, as novas cidades dormitórios. Somente o recomeço (a mudança) colocará a questão de uma construção consciente do meio urbano.

5. Uma liberdade indivisível

A principal conquista da atual planificação das cidades é fazer esquecer a possibilidade do que chamamos urbanismo unitário, isto é, a crítica viva, alimentada pelas tensões de toda a vida cotidiana, desta manipulação das cidades e de seus habitantes. Crítica viva quer dizer estabelecimento de bases para uma vida experimental: reunião de criadores de sua própria vida sobre os terrenos equipados para seus fins. Estas bases não seriam reservadas a “lazers” separados da sociedade. Nenhuma zona espaço-temporal é completamente separável. Com efeito, há sempre pressão da sociedade global sobre as atuais “reservas” de férias. A pressão se exercerá no sentido inverso nas bases situacionistas, que terão a função de frentes para uma invasão de toda a vida cotidiana. O urbanismo unitário é o contrário de uma atividade especializada; e reconhecer um domínio urbanístico separado é já reconhecer toda a mentira urbanística e a mentira em toda a vida.

É a felicidade que é prometida no urbanismo. O urbanismo será julgado por esta promessa. A coordenação dos meios de denúncia artísticos e dos meios de denúncia científicos deve levar a uma denúncia completa do condicionamento existente.

6. O desembarque (a varredura)

Todo o espaço já está ocupado pelo inimigo, que domesticou para seu uso até as regras elementares deste espaço (para além da jurisdição: a geometria). O momento de aparição do urbanismo autêntico, será aquele de criar, em certas zonas, o vazio desta

ocupação. O que nós chamamos construção começa por isso. Ela pode ser compreendida com a ajuda do conceito do “brecha (ou abertura) positiva” forjada pela física moderna. Materializar a liberdade, é antes subtrair, de um planeta domesticado, algumas parcelas de sua superfície.

7. A luz do desvio

O exercício elementar da teoria do urbanismo unitário será a transcrição de toda a mentira teórica do urbanismo, desviada num objetivo de desalienação: é preciso nos defender a todo o momento da epopéia dos estragos do condicionamento; desvirtuar seus ritmos.

8. Condições do diálogo

O funcional é o que é prático. É prática somente a resolução de nosso problema fundamental: a realização de nós mesmos (nosso desprendimento do sistema de isolamento). isto é o útil e o utilitário. Nada mais. Todo o resto não representa senão derivações mínimas do prático, sua mistificação.

9. Matéria prima e transformação

A destruição situacionista do condicionamento atual já é, ao mesmo tempo, a construção de situações. É a liberação das energias inesgotáveis contidas na vida cotidiana petrificada. A atual planificação das cidades, que se apresenta como uma geologia da mentira, dará lugar, com o urbanismo unitário, a uma técnica de defesa das condições sempre ameaçadas da liberdade, no momento em que os indivíduos - que enquanto tais não existem ainda - construirão livremente sua própria história.

10. Fim da pré-história do condicionamento

Nós não sustentamos que seja preciso voltar a um estágio qualquer anterior ao condicionamento; mas ultrapassá-lo. Nós inventamos a arquitetura e o urbanismo que não podem se realizar sem uma revolução da vida cotidiana; isto é, a apropriação do condicionamento por todos os homens, seu enriquecimento indefinido, sua realização.

B.3. Relatos psicogeográficos em Potlatch

B.3.1. Estão a destruir a Rue Sauvage⁴⁰

Um dos mais belos lugares espontaneamente psicogeográficos de Paris está atualmente em vias de extinção:

A rue Sauvage, no XIII bairro, que apresentava a mais perturbante perspectiva noturna da capital, situada entre as vias-férreas da gare de Austerlitz e um quarteirão de terrenos vagos à beira do Sena (rue Fulton, rue Bellièvre) encontra-se – desde o inverno passado – enquadrada por algumas dessas construções debilitantes que são alinhadas nos nossos subúrbios a fim de alojarem gentes tristes.

Deploramos o desaparecimento de uma artéria pouco conhecida e contudo mais viva que os Champs-Élysées e as suas luzes.

Não nos sentimos apegados ao encanto das ruínas. Mas os quartéis civis que se constroem no seu lugar têm uma fealdade gratuita que é um apelo aos dinamitadores.

B.3.2 Square des Missions Étrangères⁴¹

No limite dos sexto e sétimo bairros, esta praceta, cingida a muito curta distância pela rue de Babylone e o boulevard Raspail, é de acesso difícil e encontra-se geralmente deserta. A sua superfície é bastante extensa para uma praceta parisiense. A sua vegetação quase inexistente. Quem nela entra dá-se conta de que tem a forma de uma forquilha.

O braço mais curto interna-se entre as paredes negras, com mais de dez metros de altura, e as traseiras de grandes casas. Nesse ponto, um pátio privado torna o seu limite dificilmente discernível. O outro braço é dominado à esquerda pelas mesmas paredes de pedra e ladeado à direita por fachadas de bela aparência, as da rue de Commaile, extremamente pouco freqüentada. Na ponta deste segundo braço, a rue du Bac, muito mais ativa.

Todavia o square des Missions Étrangères encontra-se isolado dessa rua por um curioso terreno vago que sebes muito espessas separam da praça propriamente dita. Neste último largo vago, fechado por todos os lados, e cujo único uso parece ser criar

⁴⁰ Potlatch n° 7, de 3 de agosto de 1954. POTLATCH, 2006. p 43.

⁴¹ Potlatch n° 16, de 26 de janeiro de 1955. POTLATCH, 2006. pp 80 e 81.

uma distancia entre o primeiro largo e os transeuntes da rue du Bac, ergue-se, com dois metros de altura, um busto de Chateaubriand em forma de deus Termo, dominando um chão de escórias.

A única porta da praça encontra-se na ponta da forquilha, no extremo da rue de Commaile.

O único monumento do lugar contribui ainda para tapar a vista e para vedar o acesso ao largo vago. É um quiosque de uma grande dignidade que tende a dar todas as impressões de um cais de gare e de uma pompa medieval.

O square des Missions Étrangères pode servir para receber amigos que vem de longe, para ser tomado de assalto à noite, e para diversos outros fins psicogeográficos.

Michèle Bernstein

04. INTERNACIONAL SITUACIONISTA, FASE ARTÍSTICA – 1957-1961

Algumas das bases da fundação da IS foram explicadas no capítulo anterior, mas não a mais importante, que preferimos desenvolver neste presente capítulo.

Já dissemos que as atividades da Internacional Letrista têm relação estrita com o seu contexto histórico e a sua localização na Europa, mais especificamente nesse caso da França dos anos 1950. A “modernidade chegando” trazia consigo “coisas novas” a todo momento. Essas “novidades” também apareciam nas artes, e boa parte dos textos de Potlatch se dedicou a desmascará-las⁴². A lógica burguesa do pós-segunda guerra já havia absorvido as possibilidades revolucionárias das vanguardas artísticas, reduzindo sua pulsão e as neutralizando, em um processo de repetição na forma de *pastiche*⁴³. A IL conceituou esse processo como Decomposição. A primeira revista da IS, de 1 de junho de 1958, traz uma definição sintética deste conceito:

*“Decomposição: Processo pelo qual as formas tradicionais culturais se autodestruíram, sob o efeito do aparecimento de meios superiores de dominação da natureza, permitindo e exigindo construções culturais superiores. Distinguimos uma fase ativa da decomposição, demolição efetiva das velhas superestruturas - que cessa em torno de 1930 -, e uma fase de repetição, que domina desde então. O atraso na passagem da decomposição às novas construções está ligado ao atraso na liquidação revolucionária do capitalismo.”*⁴⁴

No texto de fundação da IS, de julho de 1957⁴⁵, Debord aponta as estratégias da ideologia dominante da burguesia dentro do processo de Decomposição, que “organiza a banalização das descobertas subversivas e as difunde amplamente, depois de esterilizá-las” e ainda, que uma das contradições da burguesia é a de “respeitar o

⁴² Alguns exemplos no anexo C.1, página 40 deste trabalho.

⁴³ O conceito de *pastiche* é utilizado também pelos “teóricos” da pós-modernidade, mas aonde os letristas-situacionistas viram Decomposição, os pós-modernos viram “estéticas novas”. Nesses termos, tudo o que a idéia de pós-moderno traz consigo pode ser facilmente entendido como “decomposição cultural tímida” (a definição deste termo está mais adiante neste mesmo capítulo). Nada mais interna à modernidade que a pós-modernidade.

⁴⁴ *Internacional Situacionista - Antologia*. Lisboa: Antígona, 1997.

⁴⁵ Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional. In JACQUES, Paola B. (Org.). *Apologia da Deriva* – escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. pp. 43 a 59.

princípio da criação intelectual e artística, opondo-se inicialmente [...] para depois utilizá-las”. E ele revela o porquê dessa contradição, “porque ela [a ideologia dominante] precisa manter uma minoria com senso crítico e de pesquisa, mas sob a condição de dirigir essa atividade para disciplinas utilitárias [...] e afastar assim toda a crítica e pesquisa de âmbito mais amplo”⁴⁶. Isso volta a reforçar a importância do *provisório* dentro de uma crítica possível ao mundo burguês. O processo de Decomposição devora as tentativas de crítica, para se valer de suas posições e estratégias para a própria manutenção da ideologia dominante. A crítica deve estar em movimento constante, sem a possibilidade dogmática da estagnação.

No mesmo texto, analisa o processo de falência das vanguardas artísticas. Ao futurismo, reserva somente o mérito de “trazer inúmeras novidades formais” mas “fundadas apenas na aplicação muitíssimo esquemática da noção de progresso maquinal”, que “desapareceu junto com o período de euforia burguesa que o provocara”. O dadaísmo “determinou uma parte de todos os movimentos que os sucederam”: um aspecto de negação⁴⁷, que lhe atribui um papel histórico de ter “desferido um golpe mortal no conceito tradicional de cultura”, mas suas violentas manifestações na proposta de destruição da arte e da escrita dentro de uma “definição inteiramente negativa” exigiam “sua dissolução quase imediata”. Debord reserva maior destaque ao surrealismo, e afirma que “o programa surrealista, ao afirmar a soberania do desejo e da surpresa, ao propor um novo uso da vida, é muito mais rico de possibilidades construtivas”, mas aponta como erro em sua raiz “a idéia da riqueza infinita da imaginação inconsciente”⁴⁸, que com o tempo levou seus primeiros mentores a um “desfecho espírita”, seus discípulos à mediocridade, e a sua “fidelidade formal a esse estilo de imaginação acaba por provocar o retrocesso às condições nada modernas do imaginário: ao ocultismo tradicional”. Conclui sua falência sobre dois aspectos correlacionados: por um lado, a burguesia teve “consciência do caráter ameaçador do surrealismo”, mas “conseguiu diluí-lo no comércio estético corrente, [agora] que ele atingira o ponto extremo da desordem”; por outro lado, o combate irracional surrealista à irracionalidade da sociedade moderna, pois “a recusa da alienação na sociedade de

⁴⁶ É fácil utilizar esses mesmos termos, a cada dia, nas mais acríticas pesquisas acadêmicas.

⁴⁷ Com a seguinte ressalva no mesmo texto “enquanto não forem varridas pela força as condições sociais que impõem a reedição de superestruturas corruptas, cujo processo intelectual já foi concluído.”

⁴⁸ Debord fala também do limite do inconsciente, sem negar que o mesmo foi uma descoberta e uma novidade, mas não “a lei das surpresas e novidades futuras”. E aponta que Freud, teórico valioso pelos surrealistas, de já ter descoberto isso quando escreveu: “Tudo o que é consciente se desgasta. O que é inconsciente permanece inalterável. Mas, depois de libertado, não cai ele, por sua vez, em ruínas?”.

moral cristã levou alguns homens ao respeito da alienação plenamente irracional das sociedades primitivas. É preciso avançar e racionalizar mais o mundo, primeira condição para torná-lo apaixonado.”

Em outro texto, em Potlatch 29, de 5 de novembro de 1957, com a revista já “sob controle da IS”, Debord admite que a Decomposição é conscientemente percebida pelos próprios “artistas”, mas estabelece uma diferença crucial no modo de tratá-la: existira uma “decomposição cultural tímida”, que seria sua aceitação e utilização mistificada da Decomposição, assumida por parte por certos núcleos de artistas; e uma “decomposição na sua forma mais extrema”, assumida pela IS, com a proposta de serem na e contra a Decomposição, superá-la completamente por dentro e por fora, “na e contra a Decomposição”.

A IL não era o único grupo europeu que percebera a Decomposição. O Movimento por uma Bauhaus Imaginista, grupo fundado em setembro de 1955 e baseado na cidade italiana de Alba que contava com remanescentes do grupo COBRA, já estava em contato e colaborava com a IL há então alguns anos, e participou ativamente da construção deste conceito. Em 1954, Asger Jorn, pintor dinamarquês e ex-membro do grupo COBRA, se depara com uma edição de Potlatch e acaba em contato com a IL e, em especial, com Debord e Michèle Bernstein. É o início de uma longa colaboração da qual a fundação da Internacional Situacionista fará parte. Na edição número 15 de Potlatch, do dia 22 de dezembro de 1954, a IL publica, pela primeira e única vez, um texto de um não-membro do grupo, exatamente de Asger Jorn. São trechos de seu então recém lançado livro, Imagem e Forma, como por exemplo:

*“Utilidade e função continuarão sempre a ser o ponto de partida de toda a crítica formal; trata-se apenas de transformar o programa do funcionalismo. [...] Os funcionalistas ignoram a função psicológica dos ambientes [...] os aspectos das construções e dos objetos que nos rodeiam e que utilizamos, têm função independente do seu uso prático.”*⁴⁹

De maneira ampla, o projeto de Jorn e da Bauhaus Imaginista é propor uma reunião das artes de maneira avançada. A arquitetura seria um momento de reunião das artes,

⁴⁹ POTLATCH, 2006. p. 71. (as marcas de supressão são do texto original de Potlatch).

mas a arquitetura moderna, ao tentar absorver a pintura e a escultura, acabou por deteriorar e destruir as duas. A pintura e escultura, como estéticas, foram apartadas da vida cotidiana e só tem lugar agora nos museus. A funcionalidade estrita do projeto moderno está estritamente ligada à idéia de necessidade, mas esquece que existe uma necessidade para além do ponto de vista prático da “máquina de morar”, necessidade que se relaciona com a questão da “função psicológica dos ambientes”,

*“...deve-se **imaginar** antes de poder criar. A arquitetura é sempre a última realização de uma evolução mental e artística...criar uma arquitetura significa construir uma ambiência e fixar um modo de vida. As condições de vida foram mudadas profundamente depois da última guerra.”*⁵⁰

O único espaço que a arquitetura moderna daria para a estética é a alteração das fachadas pelos proprietários, o que sobra para além do próprio projeto moderno são somente sobras. A Bauhaus Imaginista quer dar lugar ao *usador* da habitação de exercer seus desejos e fazer o que quiser com aquilo, de maneira completa. Esse lugar para o desejo é o primeiro ponto de encontro com o projeto da IL, que se dará de maneira mais efetiva na psicogeografia e no urbanismo unitário. Em setembro de 1956 é realizado em Alba um congresso convocado pela Bauhaus Imaginista, com a presença de diversos grupos europeus e entre eles a IL. Do encontro foram tiradas algumas resoluções:

“ ‘ necessidade de uma construção integral de um quadro de vida por meio de um urbanismo unitário que deve utilizar o conjunto das artes e das técnicas modernas’; o ‘caráter de antemão caduco de toda a renovação introduzida numa arte dentro dos seus limites tradicionais’; o ‘reconhecimento de uma interdependência essencial entre o urbanismo unitário e um estilo de vida vindouro...’ que é preciso situar ‘na perspectiva de uma liberdade real maior e de uma maior dominação da natureza’; enfim, ‘a unidade de ação entre os signatários na base deste

⁵⁰ JORN, Asger. Pour la forme. Paris: Allia, 2001. p. 20. (grifo nosso)

programa...’ (enumerando o sexto ponto, além disso, as diversas modalidades de auxílio recíproco).”⁵¹

A maior parte desses grupos se afastaria nos meses seguintes, mas a partir desse encontro Asger Jorn passou a fazer parte do comitê diretivo da IL, e o letrista Gil J. Wolman foi integrado ao grupo responsável pela redação da revista *Eristica*, da Bauhaus Imaginista.

A grande contradição entre os dois grupos é que a Bauhaus Imaginista tem uma proposta estética, seus membros são, afinal, pintores, enquanto que já vimos que isso nunca chegou a ser uma realidade tão concreta na IL. Debord expressa essa preocupação em um texto do último número de *Potlatch* ainda sob controle da IL, de maio de 1957. Desde seu título, *Um Passo Atrás*⁵², Debord explica algumas das razões que levaram a IL a formar um novo grupo internacional. Ele inicia o texto dizendo que o desenvolvimento do processo de Decomposição põe hoje “a questão do estabelecimento, pelas tendências vanguardistas unidas, de uma alternativa revolucionária geral à produção cultural oficial”. Também expressa a necessidade de ampliação das pessoas envolvidas e a mudança no plano de ação desse projeto, “o alargamento das nossas forças, a necessidade de uma verdadeira ação internacional, devem levar-nos a mudar profundamente a nossa tática”, tática que se converteria a “apoderar-nos da cultura moderna, para a utilizarmos para nossos fins” para possibilitar “uma crítica e uma formulação teórica comuns [...] para uma aplicação experimental comum”. Admite também que “Potlatch deve aceitar uma posição minoritária na nova organização internacional, para permitir sua unificação”, mas aposta que “todas as ações concretas deste movimento o levarão naturalmente a adotar o programa mais avançado”. Debord não deixa de salientar a preocupação de certos membros da IL com se servir “dos fragmentos atrasados da estética moderna” que poderiam acarretar “graves perigos de decomposição” e ainda “de uma predominância numérica súbita dos pintores, cuja produção consideram insignificante, e cujas ligações ao comércio artístico consideram indissolúveis”, mas aponta para a necessidade de se “reunir os especialistas de técnicas muito diversas”, “conhecer os últimos desenvolvimentos autônomos dessas técnicas”

⁵¹ POTLATCH, 2006. p. 164.

⁵² POTLATCH, 2006. pp. 170 a 173. O texto na íntegra se encontra no Anexo C.2, página 42 deste trabalho.

para, e indo ao encontro do projeto da Bauhaus Imaginista, “experimental um uso unitário dos meios atualmente dispersos”.

No dia 28 de Julho de 1957, em uma conferência na cidade de Cosio d'Arosca na Itália, é fundada a Internacional Situacionista, com a fusão entre os grupos Internacional Letrista, Movimento por uma Bauhaus Imaginista⁵³ e Comitê Psicogeográfico de Londres⁵⁴. Já falamos sobre alguns conteúdos do texto que serve de plataforma provisória para a nova organização, *Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional*. Debord estabelece a cultura como “o reflexo e a preconfiguração do emprego dos meios que uma sociedade dispõe” e que a “cultura moderna ficou atrasada em relação ao desenvolvimento de seus meios” e que esse atraso “pode atrasar a mudança da base e da sociedade”⁵⁵. Percebe-se então porque a primeira fase da Internacional Situacionista propõe uma “revolução cultural”, mas Debord faz a ressalva que “os problemas da criação cultural não podem mais ser resolvidos senão em relação com um novo avanço da revolução mundial”⁵⁶. Ele faz questão de colocar a questão em uma relação dialética. O final é emblemático e de certa maneira resume parte do que foi discutido até o momento neste trabalho:

“Devemos apoiar, nos partidos operários ou nas tendências extremistas existentes nesses partidos, a necessidade de preparar uma ação ideológica consistente para combater, no plano passional, a influência dos métodos de propaganda do capitalismo evoluído: opor concretamente, em cada ocasião, aos reflexos do modo de vida capitalista, outros modos de vida desejáveis; destruir, por todos os meios hiperpóliticos, a idéia burguesa de

⁵³ A faculdade de agir de certos objetos sobre nossos sentidos vêm do fato de representarem algo novo e particular para nós. A atividade funcionalista do entre guerras aparecia como fenômeno novo e assim estético e surpreendente, mas seu programa de standardização, a rigor, era anti-estético e os funcionalistas chegaram a criar um mundo cada vez mais regrado, ordenado, racionalizado e estabilizado”, tedioso. Como evitar o automatismo completo, “uma transformação de nossa inteligência em reflexo instintivo e standardizado?” Há que resguardar a liberdade e o desejo experimental, criar as bases de uma elaboração sistemática dessa possibilidade. O artista experimental deve se apoderar da indústria e a submeter aos seus fins não utilitários. No movimento, chega-se em 1956 a definir dialeticamente o urbanismo unitário e proclamar a ação psicogeográfica. (JORN, Asger. *Pour la forme*. Paris: Allia, 2001. pp. 26,27 e 29)

⁵⁴ “Grupo” fundado na mesma conferência e que tinha somente uma pessoa como membro, o inglês Ralph Rummey.

⁵⁵ JAPPE, 1999. p. 89.

⁵⁶ JACQUES, 2003. p. 52.

felicidade. Ao mesmo tempo, lembrando que existem, na classe dominante das sociedades, elementos que sempre concorreram, por tédio e necessidade de novidade, para o que provoca afinal o desaparecimento dessas sociedades, devemos incitar as pessoas que detêm alguns dos vastos recursos que carecemos a nos oferecerem meios para realizarmos nossas experiências, por um crédito análogo ao que pode ser oferecido à pesquisa científica, e que será também muito rentável.

Devemos apresentar em toda a parte uma alternativa revolucionária à cultura dominante: coordenar todas as pesquisas que são feitas neste momento sem visão de conjunto, fazer com que, pela crítica e propaganda, os mais avançados artistas e intelectuais de todos os países tomem contato conosco a fim de estabelecer uma ação comum.

Devemos declarar-nos prontos a retomar a discussão, com base neste programa, com todos que, tendo participado de uma fase anterior de nossa ação, se sintam capazes de caminhar conosco.

Devemos propor as seguintes palavras de ordem: urbanismo unitário, comportamento experimental, propaganda hiperpolítica, construção de ambiências. Já se interpretaram bastante as paixões; trata-se agora de descobrir outras.”⁵⁷

Em seu momento de formação, a IS contava com Guy Debord e Michèle Bernstein da Internacional Letrista⁵⁸; Asger Jorn, Giuseppe Pinot Gallizio, Piero Simondo, Walter Olmo e Elena Verrone do Movimento por uma Bauhaus Imaginista e Ralph Rummey, do comitê psicogeográfico de Londres. Meses depois, em janeiro de 1958 durante a segunda conferência da IS em Paris, as exclusões começam com Simondo, Olmo e Verrone, e em abril, Rummey. Mas muitas pessoas também chegam ao grupo, Constant, arquiteto e ex-membro do COBRA, um grupo inteiro de pintores alemães com o nome de SPUR e “numerosos escandinavos”⁵⁹. Nos quatro primeiros anos do grupo, a atividade se dá principalmente em torno da relação entre Debord e Jorn e a cultura permanece em seu sentido de “único vínculo em que se pode apresentar, em sua

⁵⁷ JACQUES, 2003. p. 59.

⁵⁸ Wolman e Jacques Fillon foram excluídos do grupo em 13 de dezembro de 1957. Mahomed Dahou não participou da fundação, mas viria a ser membro da IS e do comitê editorial das duas primeiras edições da revista antes de sua demissão em 1959.

⁵⁹ JAPPE, 1999, p. 90.

totalidade, a questão do uso dos meios da sociedade”⁶⁰. Toda a atividade do grupo gira em torno da experimentação e do desvio: Jorn pinta por cima de quadros velhos; Constant elabora os projetos da New Babylon, uma cidade utópica sobre os preceitos do urbanismo unitário; Gallizio inventa a “pintura industrial”; e até Debord faz livros com colagens⁶¹ em colaboração com Jorn, que pinta sobre elas. Em junho de 1958 foi lançado o primeiro número da revista *Internationale Situationniste*, e Debord afirma que a IS “pode ser considerada [...] uma tentativa de organização de revolucionários profissionais da cultura”.

Outra temática cara à IS nesses primeiros anos é a crítica e a transformação revolucionária da vida cotidiana. Desde a época da IL, seus membros já tinham contato com a obra de Henri Lefebvre, que trouxe para a língua francesa as primeiras traduções dos manuscritos do jovem Marx⁶² e, ainda em 1946, lançou o primeiro volume de *Critique de la vie quotidienne*, cuja influência para a IS será muito importante⁶³. No mesmo mês do lançamento da primeira revista da IS, em junho de 1958, Bernstein e Debord conhecem Henri Lefebvre na rua⁶⁴. É o início de uma parceria que durante alguns anos seria fortuita para ambos os lados. Os unia a perspectiva de uma crise social amplificada e intensificada, reiterada pela força de amortecimento das representações sociais, cujo resgate estaria ao nível do projeto de *mudar a vida*. Henri Lefebvre qualificou-o como utopia concreta e o reconheceu entre as propostas dos situacionistas. Já em 1961, Debord participa de uma conferência realizada para um grupo de estudos reunido por Lefebvre. Da transcrição de sua “fala”⁶⁵ na conferência sairá o texto *Perspectivas de modificações conscientes na vida cotidiana*, que versa sobre o relacionamento entre eles:

“Henri Lefebvre aplicou aqui uma extensão da idéia de desenvolvimento desigual para caracterizar a vida cotidiana, deslocada, mas não cindida

⁶⁰ JAPPE, 1999. p. 91.

⁶¹ Em *Mémoires*, de 1958, Debord reconstrói os anos da IL utilizando colagens com fotos dos antigos letristas, citações de Marx e outros autores, em uma espécie de quadro de desvios.

⁶² A noção de alienação tanto para Debord quanto para Raoul Vaneigem devem muito ao texto do primeiro caderno dos manuscritos, *Trabalho estranhado e propriedade privada*.

⁶³ Jappe chama a atenção para uma história em quadrinhos desviada que apareceria 20 anos depois do lançamento de *Critique de la vie quotidienne* reproduzindo uma frase importante deste livro: “o marxismo em seu conjunto é, de fato, uma crítica da vida cotidiana”. (JAPPE, 1999, p.100).

⁶⁴ www.cddc.vt.edu/sionline/chronology/1958.html

⁶⁵ Como uma crítica à questão da representação, Debord gravou o texto que foi reproduzido na conferência por um toca-fitas.

da historicidade, como um setor atrasado. Eu creio que se pode ir até qualificar este nível da vida cotidiana de setor colonizado. Viu-se na escala da economia mundial que o subdesenvolvimento e a colonização são fatores em interação. Tudo leva a crer que se dá o mesmo à escala da formação econômico-social, da práxis.”⁶⁶

No final do mesmo ano, Lefebvre lançaria o segundo volume de *Critique de la vie quotidienne* e, segundo Jappe, “os dois textos [Perspectivas... de Debord e este segundo volume de Lefebvre], sob alguns aspectos, coincidem palavra por palavra”⁶⁷. Pouco depois, se afastam e se acusam mutuamente de plágio, sobretudo em um texto sobre a Comuna de Paris. Lefebvre chamará sua relação com Debord e a IS como “uma história de amor mal acabada”⁶⁸, mas não sem antes servir como ponto de reunião de Debord com o belga Raoul Vaneigem, que juntamente com outros recém-chegados a IS, como o exilado húngaro Attila Kotanyi, ajudarão a IS em uma mudança de rumo. Os membros com vocação mais artística passam a entrar em conflito com Debord e os membros mais políticos. A questão principal gira em torno da possibilidade da ação revolucionária. Debord acredita que existam novas condições revolucionárias através da realização da arte pela *práxis revolucionária*, enquanto o bloco dos artistas não aceita dedicar disciplina necessária e expressam ceticismo com a vocação revolucionária do proletariado. Os artistas passam a serem sumariamente expulsos: dentre os membros principais, Constant ainda em 1960, acusado de tecnocrata⁶⁹; Pinot-Gallizio em 1961, por não ter resistido à tentação de se tornar um pintor profissional; e, no mesmo ano, Asger Jorn se desliga do grupo, de maneira mais amigável, por, de certa maneira perceber que sua atividade não condiz com o novo momento da IS⁷⁰. Em agosto de 1961, na quinta conferência da IS, é votada uma resolução que define qualquer obra de arte como anti-situacionista, praticamente acabando com o projeto de contestação da

⁶⁶ DEBORD, Guy E. *Perspectivas de modificações conscientes na vida cotidiana*, Internationale Situationniste, agosto de 1961. p. 22 IN: *Internationale Situationniste*. Paris: Arthème Fayard, 1997. p. 220)

⁶⁷ Mais sobre as similaridades entre Lefebvre e os Situacionistas no Anexo C.3, página 44 deste trabalho.

⁶⁸ JAPPE, 1999. pp.101 e 102.

⁶⁹ Ele não considerava oportuno “esperar pela revolução” para colocar em prática o urbanismo unitário.

⁷⁰ Jorn afirma em texto que “continua em completo acordo com a IS” e continua a fazer parte do grupo por ainda um ano, sob pseudônimo George Keller (www.cddc.vt.edu/sionline/chronology/1961.html). Além disso, continua o contato com o grupo, em especial com Debord, e ajuda a financiar os gastos de publicação da revista da IS com suas pinturas. Debord e Jorn seriam amigos próximos até a morte do último, em 1973, um ano depois do fim da IS.

cultura por seu interior. Nos anos seguintes, será em torno de Debord e Vaneigem que a IS irá definir seus planos de ação.

ANEXO C

C.1. Exemplos de análises sobre a Decomposição em Potlatch.

C.1.1. Um cão atropelado⁷¹

O falecimento tardio de Claudel provocou certos elogios literários que teriam ganho em permanecer no domínio privados. Ao lado dos Figaro-Match – esta última revista ilustrada tem a vantagem de revelar visualmente, para os que o não tenham lido, como Claudel era um velho repugnante -, podemos ver Aragon – *Lettres Françaises* ou o semanário *France-Observateur* louvarem os méritos do desaparecido, a despeito daquilo a que se chama, a que se tem a ousadia de chama, no *France-Observateur* de 3 de Março, “o desmazelo comportamental do poeta”. (Villon, Baudelaire e Rimbaud são citados paralelamente como outros tantos exemplos do fato de “os poetas terem alguma dificuldade em se adaptarem ao mundo e as suas vicissitudes”.)

Uma vez mais, mas de maneira ainda mais surpreendente e escandalosa que de costume, a imprensa pretensamente progressista escolhe a admiração estética do mais contestável “gênio” burguês, em lugar do silêncio ou dos insultos que só eles, no caso da morte de Claudel, seriam moralmente justificáveis⁷².

A propósito da apresentação na Cinemateca Francesa do filme de um ex-letrista, que representa um desvio reacionário, e por isso mesmo mais facilmente admissível das idéias que defendemos, dirigimos a carta seguinte ao Sr. Langlois, diretor da referida instituição:

Senhor,

Avisados da sua intenção de apresentar no dia 22 de março, no Museu do Cinema o filme Bismuth-Lamaître, havemos por bem chamar a sua atenção para a insignificância dessa produção.

Do ponto de vista do cinema “letrista”, que é em nosso entender a única renovação fundamental dessa arte desde há quatro anos o filme em questão não passa de uma

⁷¹ Potlatch nº. 18, 20 de Março de 1955. POTLATCH, 2006. pp. 91 e 92.

⁷² Ajudará a compreender esta entrada o fato de Paul Claudel, autor entre outras obras de *Le Soulier de Satin*, ser um fervoroso católico cuja revelação se deu durante uma missa de Natal na Notre-Dame de Paris em 1886. (L.M)

péssima cópia do *Traité de Bave et d'Eternité* de Isou, obra que, pelo seu lado, não foi senão o esforço mais primário no sentido da mesma renovação.

A ambição debilmente pirandelliana acrescentada a esse dever escolar (quebrar o quadro corrente da representação cinematográfica, etc.) está longe de alcançar o burlesco mediano de Helzapoppin⁷³.

Recordamos-lhe que é aborrecido favorecer junto de um público que confia na sua pessoa tão ridículas confusões de valor. Manipulações análogas fazem com que alguns atribuam ainda hoje a Cocteau o estilo afirmado três anos antes em *Un Chien Andalou*; ou, pior, imaginem que o autor de *O milagre de Milão* é o inventor dos efeitos e René Clair.

Esperamos que esta carta chegue atempadamente às suas mãos.

Pela Internacional Letrista: M. Dahou, G.-E. Debord, Gil J. Wolman.

C.1.2. A estrada que vai dar a Roma⁷⁴

O interesse e as discussões suscitadas um pouco por toda a parte pelo filme de Federico Fellini *La Strada* só são concebíveis na perspectiva de um extremo empobrecimento simultâneo do Cinema e da inteligência crítica dos intelectuais burgueses.

Uns querem ver neste filme um novo neo-realismo, como se diz uma Nouvelle-nouvelle Revê Française, outros ficam boquiabertos de admiração ao reconhecerem uma espécie de subproduto das mímicas de Chaplin na personagem de Gelsomina; quase todos são cegos às repugnantes intenções idealistas de um filme que constitui uma apologia da miséria material e de todas as privações, um convite à resignação particularmente oportuno em termos políticos na Itália de hoje, onde o desemprego, os baixos salários e o monstruoso Pio XII exercem uma ação conjugada visando a citação em série da personagem Zampano.

É bem sabido que o idealismo leva sempre à igreja, ou aos diversos sucedâneos que a substituem nas superestruturas da sociedade atual. No caso de Fellini a coisa é tão clara que ele próprio a reconhece sem corar: “Bem sei que uma idéia assim corre o risco de

⁷³ Originalmente um musical da Broadway que deu lugar em 1941 a uma comédia cinematográfica bastante extravagante e surrealista. Os outros filmes citados, de Buñuel e De Sica, são bem conhecidos. (L.M)

⁷⁴ Potlatch n.º. 21, 30 de junho 1935. POTLATCH, 2006. pp. 109 e 110.

não ser bem acolhida numa época em que se prefere dar como remédio aos sofrimentos atuais apenas soluções abstratas, mas, depois de *La Strada*, espero que uma vez mais, as soluções humanas e espirituais sejam bem recebidas”, conforme as suas declarações, no passado dia 14 de junho, a um correspondente do *Figaro* em Roma, preparando a reincidência anunciada sob o título *Il Bidone*; e Fellini não receia acrescentar: “... E o filme terminará supondo um outro inferno iminente *post mortem*. Gostaria que, depois de terem visto este filme os homens ficassem mais predispostos para o bem”.

A evidência não impede sequer um cretino como Robert Bannayoun – já capaz, em Outubro de 1954, de assinar o panfleto “Familiares do Grande Coiso” por meio do qual os seus amigos, então surrealistas, chamavam a atenção da polícia para as nossas atividades – de escrever no n.º. 13 de *Positif*:

“*La Strada* foi tomado por alguns por um filme cristão, sob o pretexto de uma das suas cenas se passar num convento. É uma asneira que me faz morrer de riso”.

Pano.

C.1.3. Os debates deste tempo⁷⁵

O Dadaísmo parece ser a novidade mais discutida desta Primavera de 1957. os seus criadores, sempre arrebatados pela amável fogosidade da sua juventude, enfrentam o inimigo em todos os terrenos. Huelsenbeck, que arrancou a um contra-*dada* o seu posto de professor de psicologia de uma universidade americana, chega no mês de Fevereiro a Inglaterra e fornece de pronto uma magistral interpretação psicológica pura de Dada, durante uma conferência asperamente interrompida pelo nosso amigo Ralph Rumney, animador do Comitê Psicogeográfico de Londres. Em Março, em Paris Georges Hugnet publica a obra que se esperava sobre Dada, as suas origens, a sua história – já -, o seu futuro imediato e as suas perspectivas a longo prazo. Tzara não se cansa de retomar e de completar a sua interpretação leninista pura de Dada. Publicam-se em volume textos de Cravan, apresentado pelo Sr. Barnard Delvaille como seu semelhante, seu irmão – e um

⁷⁵ n.º. 28, 22 de Maio de 1957. POTLATCH, 2006. pp. 167 e 168.

grande poeta que tem sobretudo o mérito de ter pressentido uma sensibilidade típica das férias na *Cote d'Azur*.

Finalmente, foram reunidas na Galerie de l'Institut as últimas produções variadas do Movimento Dada. Os criadores esperam ansiosamente o inevitável escândalo, que não falha: os jovens empregados de uma pequena editora especializada no porta-a-porta, depois de terem colocado a imprensa e os fotógrafos, não moderam os seus termos: “Viva a poesia! Viva a pintura! Viva a arte verdadeira!”, dizem eles.

Os intelectuais burgueses lutam naturalmente como todas as suas forças na frente anti-Dada, a tal ponto que chegam a descurar a justificação quotidiana da repressão na Argélia.

C.2. Um Passo Atrás⁷⁶

O ponto extremo, atingido pelo apodrecimento de todas as formas da cultura moderna; a derrocada pública do sistema de repetição que reinava desde o pós-guerra; a junção de diversos artistas e intelectuais na base de novas perspectivas de criação, ainda desigualmente compreendidas, põem hoje a questão do estabelecimento, pelas tendências vanguardistas unidas, de uma alternativa revolucionária geral à produção cultural oficial, definida ao mesmo tempo por André Stil e Sagan-Drouet.

O alargamento das nossas forças, a possibilidade e a necessidade de uma verdadeira ação internacional devem levar-nos a mudar profundamente a nossa tática. Devemos apoderar-nos da cultura moderna, para a utilizarmos para os nossos fins, e já não para conduzir uma oposição exterior baseada apenas no desenvolvimento futuro dos nossos problemas. Devemos agir imediatamente, para uma crítica e uma formulação teórica comuns de teses que se completam, para uma aplicação experimental comum dessas teses. A tendência de Potlatch deve aceitar, se necessário, uma posição minoritária na nova organização internacional, para permitir a sua unificação. Mas todas as realizações concretas deste movimento o levarão naturalmente a adotar o programa mais avançado.

Não se pode falar exatamente de crise do letrismo, uma vez que sempre quisemos, e conseguimos, uma atmosfera de crise permanente; e também porque, ainda que a noção de letrismo não seja completamente desprovida de conteúdo, os valores que nos

⁷⁶ Potlatch n.º. 28, de 22 de maio de 1957. POTLATCH, 2006. pp. 170-173.

interessam formaram-se no movimento letrista, mas contra ele. Pode-se notar no entanto que um certo niilismo satisfeito, maioritário na IL até as exclusões de 1953, se prolongou nos excessos do sectarismo que contribuíram para falsear várias das nossas opções até 1956. São atitudes que não se verificam sem desonestidade. Havia alguém que se proclamava no extremo do abandono da escrita; prezava-se tanto o nosso isolamento e a nossa pureza inativa que se pronunciava pela recusa em colaborar na revista que, entre todas, está mais próxima de nossas posições. Mal foi excluído, há cinco dias, implora – naturalmente em vão – à direção da revista a possibilidade de continuar a ter nela uma colaboração literária “a título pessoal”. Quer isto dizer que um camarada anteriormente agira como um provocador? Não, passou simplesmente de um comportamento irresponsável a outro, de sinal contrário, quando lhe faltou o álibi puramente nominal do letrismo, deixando apenas o vazio.

As mistificações gastas do mundo que combatemos podem sempre nalguma curva do caminho parecerem-nos novidades, e prenderem-nos. Não há etiqueta que nos ponha ao abrigo disso. Nenhuma sedução é bastante, Devemos descobrir técnicas concretas para subverter as atmosferas da vida cotidiana.

A primeira questão prática que temos para resolver é a de um alargamento notável da nossa base econômica. Nas condições em que nos encontramos, parece mais fácil inventar sentimentos novos que um novo ofício. A urgência que vemos em definir – e em justificar pela prática – várias novas ocupações, distintas por exemplo da função social do artista, leva-nos a sustentar a idéia de um plano econômico coletivo, reclamado por Piero Simondo e os nossos camaradas italianos.

É certo que a decisão de nos servirmos, do ponto de vista econômico como do ponto de vista construtivo, dos fragmentos atrasados da estética moderna acarreta vários perigos de decomposição. Há amigos que se inquietam, para citarmos um caso preciso, de uma predominância numérica súbita dos pintores, cuja produção julgam forçosamente insignificante, e cujas ligações ao comércio artístico consideram indissolúveis⁷⁷. No entanto, precisamos de reunir os especialistas de técnicas muito diversas; conhecer os últimos desenvolvimentos autônomos dessas técnicas – sem cairmos no imperialismo ideológico que ignora a realidade dos problemas de uma disciplina estranha e quer comanda-la do exterior; experimentar um uso unitários dos meios atualmente dispersos. Devemos portanto correr o risco de uma regressão; mas tender a superar o mais

⁷⁷ Caso que viria a se tornar real, como vimos na página 38 com Pinot-Gallizio.

depressa possível as contradições da fase presente aprofundando uma teoria global, e chegando a experiências cujos resultados sejam indiscutíveis.

Embora certas atividades artísticas estejam mais notoriamente feridas de morte que outras, pensamos que pendurar quadros numa galeria é uma sobrevivência tão forçosamente desinteressante como um livro de poemas. Qualquer utilização do quadro atual do comércio intelectual abre terreno ao confucionismo ideológico, e isso exclusivamente entre nós; mas por outro lado nada podemos fazer se não tivermos em contrapartida este mesmo quadro momentâneo.

Em última análise, o juízo sobre a política que hoje adotamos dependerá do fato de ela se revelar ou não capaz de favorecer a constituição de um agrupamento internacional mais avançado. Se não fosse capaz de o fazer, assinalaria apenas o início de uma reação geral no movimento. A formação de uma vanguarda revolucionária na cultura dependeria então do aparecimento de outras forças.

G.-E. Debord

C.3. Teoria dos momentos e construção das situações⁷⁸

“Esta intervenção se traduziria, no nível da vida cotidiana, por uma melhor repartição de seus elementos e de seus instantes nos ‘momentos’, de maneira a intensificar o rendimento vital da cotidianidade, sua capacidade de comunicação, de informação, e também e sobretudo de gozo da vida natural e social. A teoria dos momentos não se situa portanto fora da cotidianidade, mas se articularia com ela se unindo à crítica para introduzir nela o que falta à sua riqueza.

Ela tenderia assim à superar, no seio do cotidiano, numa forma nova de gozo particular unida ao total, as velhas oposições de despreocupação e de peso, de seriedade e de ausência de seriedade.”

Henri Lefebvre (La Somme e le Reste)

⁷⁸ Tradução de Amélia Luisa Damiani.

No pensamento *programático*, que acaba de expor Henri Lefebvre, os problemas da criação da vida cotidiana dizem respeito diretamente à teoria dos momentos, que definiu como “modalidades de presença”, uma “pluralidade de momentos relativamente privilegiados”.

Quais relações mantêm estes “momentos” e as situações que a IS (Internacional Situacionista) se propõe a definir e construir?

A situação, como momento criado, organizado (Lefebvre expressa este desejo: “O ato livre se definindo então pela capacidade... de mudar de ‘momento’ numa metamorfose, e talvez de criar.”) inclui instantes percíveis – efêmeros, únicos. Ela é uma organização de conjunto comandando (favorecendo) tais instantes loucos, ousados. A situação construída é portanto na perspectiva do momento lefebvriano, contra o instante, mas num *nível intermediário* entre instante e “momento”. Assim, embora repetível numa certa medida (como direção, “sentido”), ela não é em si mesma repetível como o “momento”.

A situação, como o momento, “pode se estender no tempo ou se condensar”. Mas ela quer se fundar sobre a objetividade de uma produção artística. Uma tal produção artística rompe radicalmente com as obras duráveis. Ela é inseparável de seu consumo imediato, como valor de uso essencialmente estranho à uma conservação sob forma de mercadoria.

A dificuldade, para Henri Lefebvre, é de estabelecer uma *lista* de seus momentos (porque citar dez em vez de quinze, ou vinte e cinco, etc.?). A dificuldade quanto ao “momento situacionista” é, ao contrário, marcar seu fim exato, sua transformação em um termo diferente de uma série de situações - esta podendo constituir um dos momentos lefebvrianos - ou então em tempo morto.

Com efeito, o “momento” posto como categoria geral reencontrável implica no longo estabelecimento de uma lista cada vez mais completa. A situação, mais indiferenciada, se presta a uma infinidade de combinações. De sorte que não se pode definir exatamente *uma* situação, e sua fronteira. O que caracterizará a situação, é sua práxis mesma, sua formação deliberada.

Por exemplo, Lefebvre fala do “momento do amor”. Do ponto de vista da criação dos momentos, do ponto de vista situacionista, é preciso vislumbrar o momento de tal amor, do amor de tal pessoa. O que quer dizer: de tal pessoa em tais circunstâncias.

O máximo do “momento construído” é a *série de situações* ligadas a um tema - este amor de tal pessoa - (um “tema situacionista” é um desejo *realizado*). Este é

particularizado, e irrepetível, em comparação com o momento de Henri Lefebvre. E muito ampliado e, relativamente, durável em comparação com o instante único-efêmero.

Lefebvre, analisando o “momento”, mostrou muitas condições fundamentais do novo terreno de ação para onde vai agora uma cultura revolucionária. Assim, quando ele assinala que o momento tende ao absoluto, e se liberta. O momento, como a situação, é *ao mesmo tempo* proclamação do absoluto e consciência de passagem. Ele está efetivamente no caminho de uma unidade do estrutural e do conjuntural; e o projeto de uma situação construída poderia assim se definir como um ensaio de estrutura numa conjunção.

O “momento” é principalmente temporal, ele faz parte de uma zona de temporalidade, não pura mas dominante. A situação, estreitamente articulada no lugar, é completamente espaço-temporal (cf. Asger Jorn, sobre o espaço-tempo de uma vida; A. Frankin, sobre a planificação da existência individual). Os momentos construídos em “situações” poderiam ser considerados como momentos de ruptura, de aceleração, *as revoluções na vida cotidiana individual*. Num nível espacial mais amplo - mais social - um urbanismo que corresponde muito exatamente aos momentos lefebvrianos, e à sua idéia de os escolher e de os deixar à vontade, se encontra proposta com os “bairros estados de alma” (cf. “Formulário para um urbanismo novo”, de G. Ivain, Internationale Situationniste, n.o 1), um objetivo de desalienação sendo perseguido explicitamente na organização do “Bairro Sinistro”.

Enfim, o problema do *reencontro* da teoria dos momentos e de uma formulação operacional da construção das situações coloca a seguinte questão: Que mistura (ajuntamento), quais interações, devem se apresentar entre o desencadeamento (e as ressurgências) do “momento natural”, no sentido de Henri Lefebvre, e certos elementos artificialmente construídos; portanto introduzidos neste desenrolar e o perturbando, quantitativamente e, sobretudo, qualitativamente.? (Internationale Situationniste, n.o 4, junho de 1960. IN: *Internationale Situationniste*, Paris, Arthème Fayard, 1997)

“... Mas a possibilidade de realização de uma comunidade é representada pelos situacionistas quando eles se esforçam por experimentar as bases do urbanismo unitário. A alienação não pode ser combatida senão lá onde se pode reencontrar a si mesmo, se formar a si mesmo.

Os situacionistas não são cosmopolitas. Eles são *cosmonautas*. Eles ousam se lançar nos espaços desconhecidos, para aí construir ilhas habitáveis para os homens não

reduzidos e irreduzíveis. Nossa pátria está no tempo (no possível de nossa época). Ela é movente.”

(Uwe Lausen. IN: IS, n.o 8, janeiro de 1963)

“... A *deriva* (na seqüência dos atos, com seus gestos, seu passeio, seus encontros) era exatamente *na totalidade* o que a psicanálise (a boa) é na linguagem. Deixe você se levar pelo desenrolar das palavras, diz o analista. Ele escuta, até o momento em que ele denuncia ou modifica (pode se dizer *desvia*) uma palavra, uma expressão ou uma definição. A deriva é voluntariamente uma técnica, e quase uma terapia. Mas como a análise sem outra coisa - por si só - é quase sempre *contra-indicada*, da mesma forma a deriva contínua é um perigo na medida em que o indivíduo avança muito longe (não sem base, mas...) sem proteções, é ameaçado de explosão, de dissolução, de separação, de desintegração. E é a retomada no que se nomeia “a vida corrente”, isto é claramente “a vida petrificada”. Nesta medida, eu denuncio agora a propaganda por uma *contínua deriva* do Formulário. Sim, contínua, como o jogo de poker em Las Vegas, mas contínua por um tempo, reservada ao domingo para uns, a uma semana numa boa média; um mês, é muito. Nós praticamos, em 1953-54, três ou quatro meses; é o limite extremo, o ponto crítico. É um milagre nós não estarmos mortos. Nós possuímos uma má saúde de ferro.” (Ivan Chtcheglov em Cartas de Longe. IN: IS, n.o 9, agosto de 1964. Trata-se de Gilles Ivain, que em 1953 escreveu Formulário para um urbanismo novo, quando tinha 19 anos. Passou mais de 5 anos em clínica psiquiátrica. Os situacionistas o consideram vítima da modernização da sociedade que levou ao controle da vida. No momento deste fragmento de carta, tentava reescrever o texto sobre arquitetura e urbanismo de 53).

“... Os princípios da lógica formal (que penetrou na Cidade com os primeiros mercadores) encontram sua realização adequada no espetáculo ambulante (mercantil). O princípio *de identidade* está para a mercadoria da mesma forma que a categoria da totalidade está para o movimento revolucionário. Na estrutura da forma mercantil, anteriormente à sua crise de crescimento, a identidade geral das mercadorias só se obtinha por um desvio de sua identificação fictícia com um equivalente geral abstrato. Esta identidade ilusória assumida cotidianamente acabou por induzir a identidade de todas as necessidades, portanto de todos os consumidores, e alcança assim um certo grau de realidade. A realização integral da antiga equivalência abstrata seria o ponto último deste processo. O setor da produção cultural, ou a publicidade, com a inflação,

tem cada vez mais dificuldades para diferenciar os produtos, anuncia e prefigura esta grande tautologia a vir.” (Jean Garnault. IN: IS, n.o 10, março de 1966)

5. INTERNACIONAL SITUACIONISTA, FASE POLÍTICA – 1961-1972

A partir de 1962, a IS se via reduzida a um número muito pequeno de membros, mas a unidade que Debord procurava parecia ter sido encontrada. A revista da IS, que até esse momento era uma edição praticamente semestral, passa a não ter periodicidade reconhecível e os textos se tornam mais longos. Em um de seus primeiros textos para a revista, Raoul Vaneigem, começa a demonstrar o sentido que a IS atuaria. Na revista da IS número 6, de 1961, Vaneigem versa sobre a impossibilidade de um urbanismo unitário e parte para o pressuposto de que qualquer urbanismo é ideológico, uma “educação capitalista do espaço”⁷⁹. Outro texto de Vaneigem, *Banalidades de base*⁸⁰, traz um desvio da dialética do senhor e do escravo, sob a ótica do conceito de espetáculo situacionista:

*“A apropriação privada implica uma organização das aparências onde são dissimuladas as contradições radicais: os servidores devem ser vistos como reflexos degradados do senhor, reforçando assim, através do espelho da liberdade ilusória, aquilo que amplia sua submissão e passividade. O senhor deve ser identificado com o mítico e perfeito servidor de um deus ou de uma transcendência, que não é mais do que a sagrada e abstrata representação da totalidade das pessoas e coisas sobre as quais ele exerce um poder tanto mais real e tanto menos contestado quanto se acredite universalmente na virtude de sua renúncia. Ao sacrifício real do executante corresponde o mítico sacrifício do dirigente: cada qual se nega no outro, o estranho se torna familiar e vice-versa, cada qual se realiza em um sentido inverso.”*⁸¹

E é a partir desta dialética que o conceito de sobrevivência (*survie*) aparece:

“Deve-se compreender a função da alienação como condição de sobrevivência neste contexto social. O trabalho dos não-possuidores

⁷⁹ VANEIGEM, Raoul. Comentários contra o urbanismo. Revista da IS nº6, de agosto de 1961 in JACQUES, 2003. Op. Cit. p. 155. No mesmo texto, é possível perceber a acidez do discurso de Vaneigem: “Se os nazistas tivessem conhecido os urbanistas contemporâneos, teriam transformado os campos de concentração em conjuntos habitacionais”.

⁸⁰ Publicado em duas partes, nas revistas da IS números 7 e 8, de respectivamente 1962 e 1963.

⁸¹ IS. Situacionista, teoria e prática da revolução. São Paulo: Conrad, 2002. pp. 75 - 77.

obedece às mesmas contradições que o direito de apropriação particular. Ele os transforma em posses, em produtores de apropriação particular e de sua própria exclusão. Esse trabalho contudo representa única chance de sobrevivência para [...] os trabalhadores, fazendo com que atividade que dá continuidade à sua existência, esvaziando-a de todo conteúdo, termina por tomar um sentido positivo, através de uma inversão de perspectiva explicável e sinistra. Não somente o trabalho tem sido valorizado [...] mas, mais ainda, trabalhar para um senhor, alienar-se de boa vontade, tornou-se o preço honroso e o castigo disputado da sobrevivência. A satisfação das necessidades elementares continuou sendo a melhor salvaguarda da alienação, aquela que a dissimula melhor, justificando-a sobre a base de uma exigência inquestionável. A alienação multiplica as necessidades porque ela não satisfaz nenhuma [...]. Os objetos alienantes não possuem mais as virtudes nem o mistério da transcendência, eles estão por aí em sua concreta pobreza. O rico é hoje em dia aquele que possui o maior número de objetos pobres.

Sobreviver tem, até o presente, nos impedido de viver. É por isso que se deve esperar muito da impossibilidade de sobreviver. Impossibilidade que tem se tornado tão mais evidente quanto a única escolha que o conforto e superabundância dos elementos da sobrevivência nos deixam: o suicídio ou a revolução.”⁸²

Essa análise sobre a sobrevivência é muito importante, e servirá de base para a idéia situacionista de proletarização do mundo. A revolução para eles é proletária, mas os proletários não estão somente dentro das fábricas. O mundo passou a ser dividido entre possuidores e não possuidores, o mundo todo se proletariza. A revolução, portanto, deve ocorrer em todos os lugares, dentro e fora das fábricas, seu tempo e espaço é o da vida cotidiana.

Entre 1962 e 1966, com exceção de alguns números da revista, a IS raramente aparece em público. Debord e Vaneigem estão trabalhando em seus livros. Jappe chega a afirmar que “por volta de 1965, praticamente está terminada a elaboração da análise situacionista da sociedade, e o interesse da IS desloca-se, então, para a busca dos meios

⁸² IS, 2002. pp. 82 e 83.

práticos de sua aplicação”⁸³. Alguns textos e acontecimentos são exemplos dessa tentativa. Em 1965, na revista da IS nº10, Debord escreve um texto sobre a revolta dos negros de Watts que acontecera no mesmo ano⁸⁴, no qual defende que a destruição das lojas pelos revoltosos era uma demonstração violenta contra o mundo da mercadoria, já que “o espetáculo destinado aos negros é uma versão empobrecida do espetáculo branco”⁸⁵, por isso os negros o compreenderiam mais depressa.

Em 1966 ocorre o evento que tornaria a IS amplamente conhecida e que mais diretamente a relacionou com os eventos de maio de 68: o “escândalo de Strasbourg”. Estudantes da Universidade de Strasbourg e simpatizantes das idéias situacionistas, formaram uma chapa para o centro acadêmico com uma pauta única: a autodissolução do centro. Uma vez eleitos, entraram em contato com a IS que por sua vez produziu um texto de autoria de Mustapha Khayati e revisado por Debord. Os estudantes utilizaram todo o dinheiro do centro acadêmico para distribuir 10 mil cópias do texto, *A miséria do meio estudantil – considerando seus aspectos econômico, político, psicológico, sexual e, mais particularmente, intelectual, e sobre alguns meios para remediá-la*. O texto começa com uma frase que se tornaria célebre: “Pode-se dizer, sem grandes riscos de errar, que o estudante na França é, depois do policial e do padre, o ser mais universalmente desprezado”⁸⁶. O que segue no texto, é uma sátira mordaz da vida estudantil e um resumo das idéias situacionistas, com um convite, no final, a uma concepção de revolução como uma festa e um jogo:

“As revoluções proletárias serão festas ou não serão nada, pois a vida que anunciam será, ela própria, criada sob o signo da festa. O jogo é a

⁸³ JAPPE, 1999, p. 110.

⁸⁴ “Entre os dias 13 e 16 de agosto de 1965, a população negra de Los Angeles se levantou. Um incidente entre policiais de trânsito e passantes acabou em dez dias de tumultos espontâneos. Os reforços crescentes das forças de ordem não foram capazes de retomar o controle das ruas. Por volta do terceiro dia, os Negros pegaram em armas, saqueando as lojas acessíveis, de maneira que puderam até disparar contra os helicópteros da polícia. Milhares de soldados e policiais — incluindo o peso militar de uma divisão de infantaria, apoiada por tanques — tiveram que ser mobilizados na luta para encerrar a revolta no bairro de Watts; em seguida, para reconquistá-lo ao custo de numerosos combates de rua que se estenderam por vários dias. Os insurgentes procederam com a pilhagem generalizada das lojas e as incendiaram. Segundo os números oficiais, houve 32 mortos, dos quais 27 Negros, mais de 800 feridos e 3.000 presos.” Início do texto de Debord *O declínio e a queda da economia espetacular-mercantil*. In Revista Sopro nº. 28/29, de maio/junho de 2010. Disponível em: <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/arquivo/debord.htm>

⁸⁵ JAPPE, 1999, p. 110.

⁸⁶ IS, 2002. p.30.

*última racionalidade dessa festa, viver sem tempo morto e gozar, sem impedimentos, são as únicas regras que ele poderá reconhecer.”*⁸⁷

A notícia foi amplamente divulgada pelos jornais e a IS foi acusada de “subversão da juventude” e de ter recebido dinheiro pelo texto⁸⁸. Juristas desencadearam processos judiciais, tudo isso fez com que o texto recebesse atenção de vários países e fosse traduzido para várias línguas.

No final de 1967, quase que simultaneamente, são lançados os dois grandes livros da Internacional Situacionista: *A sociedade do espetáculo*, de Debord, e *A arte de viver para a geração nova*, de Vaneigem.

De maneira ampla, Debord já trazia algumas das definições sobre o espetáculo em seus textos para a revista da IS, mas é no livro que define mais sistematicamente o espetáculo como a forma mais desenvolvida da sociedade baseada na produção de mercadorias e no “fetichismo da mercadoria” que daí decorre. Ele centraliza a questão da mercadoria para explicar o estágio da sociedade moderna de então. Apresenta um novo patamar da alienação, que antes se definia como a passagem do “ser para o ter”, se degrada e se aprofunda em uma nova forma, a passagem do “ser para parecer”. Isso ocorre através do processo de empobrecimento e esvaziamento do plano do vivido, e da separação entre as esferas da sociedade, cada vez mais mediadas. O espetáculo reúne o separado no plano da imagem, mas o reúne como separado, em um conjunto de representações independentes que aparenta repor tudo o que falta à vida. A figura da celebridade é um exemplo imagético de todo o vivido que falta aos indivíduos reais, e a mensagem unilateral do espetáculo serve para reafirmar a si mesmo e a sociedade que o criou, aos pseudo-indivíduos sobre a contemplação da imagem da vida recriada de maneira falsa pelo espetáculo e pela sociedade que necessita dele para se reproduzir. Debord também reafirma a questão da proletarianização do mundo, e parte para uma análise histórica do movimento revolucionário moderno. Mas aonde os historiadores viram derrotas, Debord mira nas pulsões vividas de momentos como a Comuna de Paris ou as revoltas anarquistas na Ucrânia socialista. E chega ao conceito da alienação espacial, no seguinte aforismo:

⁸⁷ IS, 2002. p.59.

⁸⁸ Desmentido pela IS em um texto da revista nº 10, de 1967, *Nossos objetivos e métodos no escândalo de Strasbourg*.

*“O tempo é a alienação necessária, como demonstrava Hegel, o meio em que o sujeito se realiza ao se perder, tornando-se outro para tornar-se a verdade se si mesmo. Mas seu contrário é justamente a alienação dominante, que é sofrida pelo produtor de um presente estranho. Nessa alienação espacial, a sociedade separa pela raiz o sujeito e a atividade que ela lhe subtrai, o separa primeiro de seu próprio tempo. A alienação social superável é justamente aquela que proibiu e petrificou as possibilidades e os riscos de alienação viva no tempo.”*⁸⁹

É difícil de compreender o caminho pelo qual Debord chega à alienação espacial, mas, para oferecer uma possibilidade de explicação, vale a pena estabelecer uma relação direta com o que Vaneigem trata em seu livro como *Espaço tempo vivido*. Em *A arte de viver para a geração nova*, Raoul Vaneigem expressa um embate entre o espaço da vida e o espaço da economia, que se realiza através da dialética do espaço-tempo dissociado. Isso acontece pois o tempo presente é esvaziado pela contínua idealização do passado e o planejamento do futuro, causado pela dominação da vida pelo capital. Sob esta ótica, o espaço-tempo das sociedades parcelares não é, como comumente se trata, nem cíclico como nas sociedades medievais nem a linha contínua tão relacionada à velocidade impressa pela industrialização; o espaço-tempo é *tracejado*. No tracejado existe um presente não vivido, descolado do real, espetacularizado. Vaneigem divide o processo dialeticamente em um espaço-tempo falsificado (o esfacelamento do indivíduo pelo capital, sua transformação em personagem⁹⁰) e um espaço-tempo real (o momento, a realização do indivíduo). Isso acontece através de um constante conflito entre a dominação do capital e a própria necessidade do homem de se realizar, e se desdobra em um espaço real vivido + um tempo fictício espetacular + um espaço fictício espetacular + um tempo real vivido. O momento em que o espaço-tempo é unitariamente vivido se apresenta como a possibilidade da superação dessa alienação, da revolução pela realização da vida cotidiana.

⁸⁹ DEBORD, 1997. p. 109. (aforismo 161).

⁹⁰ O personagem é uma categoria introduzida por Vaneigem no mesmo livro. De maneira geral, os indivíduos são esmagados e dilacerados pelo espetáculo e impedidos de viver sob a tutela de seus desejos, passam então a personificar papéis dados, estereótipos, e essa personificação acaba por reafirmar estes estereótipos. “A habilidade de desempenhar e tratar os personagens determina o lugar ocupado no espetáculo hierárquico”. VANEIGEM, Raoul. *A Arte de Viver para a Geração Nova*. Porto: Afrontamento, 1980. p. 137.

Poucos meses após o lançamento dos livros, explode na França os acontecimentos de maio de 1968. Os slogans situacionistas estão por todos os lugares. A participação efetiva dos membros da IS durante o mês é desconhecida para além de um comitê situacionista que se instala na Sorbonne ocupada⁹¹, mas é sabido que Vaneigem e Debord discordaram de seu significado. Vaneigem desejava aproveitar o ambiente para praticar uma ação de massa, junto ao proletariado, enquanto Debord vê nessa massificação um esvaziamento da potência das idéias no momento no qual os situacionistas “se tornam uma multidão”. Em 1970, Vaneigem se demite da IS, por conta da “pequena penetração da teoria situacionista no meio proletário e a pequena participação proletária no meio situacionista”⁹². Em 1972, Debord anuncia o fim da IS, a partir da análise de que todo o movimento de transformação na altura, tinha algo de situacionista, e essa ampliação significava também a inserção dos situacionistas no processo de decomposição, uma pulsão tornada vazia, como reprodução espetacular e como dogma. Novas idéias provisórias precisariam ser desenvolvidas para seus respectivos novos tempos provisórios. O que “sobra”, de toda a história da IS, é a necessidade constante de se colocar em movimento, não estagnar teoria nem prática, pois uma não é possível sem a outra.⁹³

⁹¹ Não se sabe até que ponto a IS estava realmente envolvida nesse comitê.

⁹² Carta de demissão da Internacional Situacionista, de Raoul Vaneigem. 14 de novembro de 1970. Disponível em: www.cddc.vt.edu/sionline/si/resignation.html.

⁹³ Mais sobre o processo de generalização dos situacionistas e a decisão de dissolução do grupo em 1972 no anexo D.2, página 57 deste trabalho.

ANEXO D

D.1. Banalidade de Base – introdução⁹⁴

O estado de bem-estar nos impõe hoje em dia, sob a forma de tecnologias de conforto (carros, comidas congeladas, Sarcelles⁹⁵ e Mozart televisionado para todos), os elementos de uma sobrevivência, à manutenção dos quais quase todas as pessoas não cessam de consagrar toda sua energia, impedindo-as de *viver*.

A organização que distribui o equipamento material de nossa vida cotidiana é tal que, o que nela a princípio permitiria que a construíssemos ricamente, mergulha-nos, ao invés, em um luxo de pobreza, tornando a alienação ainda mais insuportável na medida que cada elemento de conforto cai sobre nós como uma libertação e pesa como uma servidão. Eis que estamos condenados à escravidão do trabalho libertador.

Para compreender o problema, é importante situá-lo à luz do poder hierárquico, que está em evidência a todo momento. Talvez não seja suficiente dizer que o poder hierárquico tem conservado a humanidade por milhares de anos do mesmo modo como a humanidade por milhares de anos do mesmo modo como o álcool conserva um feto, impedindo tanto o crescimento quanto a deterioração. Também deve estar claro que o poder hierárquico representa o estágio mais elevado da apropriação privada, e historicamente é seu começo e fim. Quanto à apropriação privada, ela pode ser definida como a apropriação das coisas através da apropriação das pessoas, a luta contra a alienação natural gerado a alienação social.

A apropriação privada implica uma organização das aparências onde são dissimuladas as contradições radicais: os servidores devem ser vistos como reflexos degradados do senhor, reforçando assim, através do espelho da liberdade ilusória, aquilo que amplia sua submissão e passividade. O senhor deve ser identificado com o mítico e perfeito servidor de um deus ou de uma transcendência, que não é mais do que a sagrada e abstrata representação da totalidade das pessoas e coisas sobre as quais ele exerce um poder tanto mais real e tanto menos contestado quanto se acredite universalmente na virtude de sua renúncia. Ao sacrifício real do executante corresponde o mítico sacrifício do dirigente: cada qual se nega no outro, o estranho se torna familiar e vice-versa, cada qual se realiza em um sentido inverso. Da alienação comum nasce uma harmonia, uma

⁹⁴ IS. Situacionista, teoria e prática da revolução. São Paulo: Conrad, 2002. pp. 75 - 77.

⁹⁵ Conjuntos habitacionais.

harmonia negativa cuja unidade fundamental é a noção de sacrifício. O que mantém a harmonia objetiva (e perversa) é o mito, termo que tem sido empregado para designar a organização da aparência nas sociedades unitárias, isto é, nas sociedades onde o poder escravista, tribal ou feudal é oficialmente ocupado por uma autoridade divina, onde o sagrado permite a apreensão da totalidade pelo poder. A harmonia baseada inicialmente no “*dom de si próprio*” abrange uma relação que vai se desenvolver, se tornar autônoma, e destruí-la. Esta relação é baseada na *troca* parcelar (mercadoria, dinheiro, produto, força de trabalho...), a troca de uma parte de si próprio na qual a concepção burguesa de liberdade é baseada. Ela nasce na medida que o comércio e a tecnologia se tornam preponderantes no interior das economias de agrário.

Com a tomada do poder pela burguesia, a unidade do poder desapareceu. A apropriação privada sagrada se laicizou dentro dos mecanismos capitalistas. Livrada das garras do poder, a totalidade torna-se novamente concreta, imediata. A era da fragmentação tem sido apenas uma sucessão de tentativas de retomar uma unidade inacessível, ressuscitar um sucedâneo do sagrado para nele abrigar o poder.

Um movimento revolucionário é exatamente quando “tudo que a realidade apresenta” encontra sua imediata *representação*. No resto do tempo, o poder hierárquico, cada vez mais distante de sua pompa mágica e mística, se esforça para fazer com que todos esqueçam que a totalidade (que não é nada mais que a realidade!) expõe sua impostura.

D.2. Exemplos de desvios em *A sociedade do espetáculo*⁹⁶

4

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.⁹⁷

9

No mundo realmente invertido, a verdade é um momento do que é falso.⁹⁸

⁹⁶ Segundo indicações de JAPPE, 1999. p.85.

⁹⁷ DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 14. Desvio de Marx, *O Capital*, vol. 1.

⁹⁸ DEBORD, 1997. p. 16. Desvio de Hegel, *Fenomenologia do espírito*, vol.1.

Por esse movimento essencial do espetáculo, que consiste em retomar nele tudo o que existia na atividade humana *em estado fluido*, para possuí-lo em estado coagulado, como coisas que se tornaram o valor exclusivo em virtude da *formulação pelo avesso* do valor vivido, é que reconhecemos nossa velha inimiga, a qual sabe tão bem, à primeira vista, mostrar-se como algo trivial e fácil de compreender, mesmo sendo tão complexa e cheia de sutilezas metafísicas, *a mercadoria*.⁹⁹

Ao serem atirados na história, ao terem de participar das tarefas e lutas que a constituem, os homens se vêem obrigados a encarar suas relações sem ilusão. Essa história não tem um objeto distinto do que ela realiza sobre si mesma, embora a última visão metafísica inconsciente da época histórica possa olhar a progressão produtiva, através da qual a história se desenrolou, como o próprio objeto da História. O *sujeito* da história só pode ser o ser vivo produzindo a si mesmo, tornando-se mestre e possuídos de seu mundo que é a história, e existindo como *consciência de seu jogo*.¹⁰⁰

O mundo já possui o sonho de um tempo. Para vivê-lo de fato, deve agora possuir consciência dele.¹⁰¹

Quando a arte tornada independente representa seu mundo com cores brilhantes, um momento da vida envelheceu e não se deixa rejuvenescer com cores brilhantes. Deixa-se apenas evocar na lembrança. A grandeza da arte só começa a aparecer no ocaso da vida.¹⁰²

O dadaísmo e o surrealismo são as duas correntes que marcaram o fim da arte moderna. Embora de modo apenas relativamente consciente, são contemporâneos da última grande investida do movimento revolucionário proletário. O fracasso desse movimento,

⁹⁹ DEBORD, 1997. p. 27. Desvio de Marx, *O Capital*, vol. 1.

¹⁰⁰ DEBORD, 1997. p. 50. Desvio de Marx, *Manifesto do partido comunista*.

¹⁰¹ DEBORD, 1997. p. 110. Desvio de Marx, *Carta de Marx a Ruge*.

¹⁰² DEBORD, 1997. p. 123. Desvio de Hegel.

que os deixou encerrados no próprio campo artístico do qual haviam proclamado a caducidade, é a razão fundamental da imobilização deles. O dadaísmo e o surrealismo estão historicamente ligados e, ao mesmo tempo, em oposição. Nessa oposição, que constitui também para cada um a parte mais conseqüente e radical de sua contribuição, aparece a insuficiência interna de sua crítica desenvolvida parcialmente tanto por um como pelo outro. O dadaísmo quis *suprimir a arte sem realizá-la*; o surrealismo quis *realizar a arte sem suprimi-la*. A posição crítica elaborada desde então pelos *situacionistas* mostrou que a supressão e a realização da arte são os aspectos inseparáveis de uma mesma *separação da arte*.¹⁰³

D.3. A verdadeira cisão na Internacional Situacionista¹⁰⁴

Texto assinado por Guy Debord e Gianfranco Sanguinetti (esta co-autoria foi uma homenagem a Sanguinetti, desejada por Debord, pois ele foi expulso da França em julho de 1971, pelo ministro do Interior).

A IS vem com a subversão proletária moderna:

“cada momento deste processo histórico da sociedade moderna que realiza e abole o mundo da mercadoria e que contém também o momento anti-histórico da sociedade *constituída em espetáculo...*” Nós não colocamos ‘em todas as cabeças’ nossas idéias, por uma influência estrangeira, como só pode fazê-lo, sem sucesso durável, o espetáculo burguês ou burocrático-totalitário. Nós dissemos as idéias que estavam forçosamente já nessas cabeças proletárias... mas já a teoria e a crítica em atos criaram uma inesquecível brecha na censura espetacular...” (Op. cit, p. 2089-2090) O mundo da mercadoria que era *essencialmente* inabitável, tornou-se visível.... na sociedade da despossessão ... O proletário quer possuir toda sua vida, e a possuir como *vida*, como totalidade de sua realização possível.”(Op. cit., p.1092)

Os adeptos do movimento situacionista crescem. A partir dos anos 1960 espectadores entusiastas da IS eram ainda poucos, mas no final desses anos e nos anos 1970, tornaram-se uma multidão. “Tornando-se numerosos, permaneceram idênticos.”... O meio pró-situ representa aparentemente a teoria da IS tornada ideologia... mas em realidade este meio expressa esta parte da contestação moderna que deveu permanecer

¹⁰³ DEBORD, 1997. p. 125. Desvio de Marx, *Crítica à filosofia de direito de Hegel*, Introdução.

¹⁰⁴ Publicada em 1972, reproduzida IN: *Internationale Situationniste*. Paris: Arthème Fayard, 1997.

ainda ideológica, prisioneira da alienação espetacular, e instruída somente segundo seus termos.”(Op. Cit., p. 1107). Ele é “a manifestação profunda da parte a mais inativa da sociedade moderna tornando-se vagamente revolucionária.” Em sendo assim, há que compreendê-los e combatê-los, não desprezá-los diante de uma aristocracia situacionista (hierarquicamente tornada distinta). (Op. cit. p., 1108) À base, os heróis extremistas, ao invés de uma atividade crítico-prática determinada. Os pró-situs acabam por ter como objetivo escapar ilusoriamente da vida real e não vislumbrá-la criticamente. (Op. cit., p. 1109). Como o trabalho dos situacionistas apareciam como coletivo, a maior parte do tempo, ele, entre os pró-situs misticamente é traduzido como vedete espetacular. (p. 1112)

“No momento em que a IS devia criticar alguns aspectos de seu próprio sucesso, o que, ao mesmo tempo, lhe permitia e a obrigava a ir mais longe, ela se encontrava particularmente mal composta, e pouco apta à autocritica.” (Op. cit., p. 1122) Há que superar tornar-se um poder separado. (1127)

“A verdadeira cisão na IS foi aquela que deve agora se operar no vasto e informe movimento de contestação atual: a cisão entre, de um lado, toda a realidade revolucionária da época e, de outro, todas as ilusões a seu propósito.” (Op. cit., p. 1133)... “Que cessem de nos admirar como se nós pudéssemos ser superiores ao nosso tempo; e que a época se terrifique admirando-se *pelo que ela é.*” “Quem considera a vida da IS aí encontra a história da revolução. Nada a pode tornar má.” (Op. cit., p. 1133).

06. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos com o presente trabalho termos localizado a importância das idéias da Internacional Letrista e da Internacional Situacionista na crítica da modernidade. Reconhecemos a potência dessas idéias, e também alguns de seus limites. Independentemente disso, acreditamos ser oportuno localizar sua importância dentro do debate da Geografia que se quer crítica no departamento da USP. O momento dessa Geografia nos aparece polarizado em duas visões, com muitos pontos em comum, mas distintas entre si: vida cotidiana e crítica da forma valor. A primeira é apoiada principalmente no arcabouço teórico de Henri Lefebvre, e a segunda em Robert Kurz e o grupo Krisis.

Henri Lefebvre se dedicou a examinar criticamente a realidade social do século XX. Atualiza a crítica marxista a partir dos novos elementos postos neste período: a força da reprodução social, em período crítico, a partir do espaço social, enquanto espaço abstrato, economicamente ativo e a vida cotidiana como cotidianidade, nível da prática social que totaliza a alienação social.

A partir da centralidade dos negócios imobiliários e da realização do urbanismo como ideologia, conhecimento e prática, colado na economia, inverte os termos da relação espaço e consumo: do consumo no espaço para o consumo do espaço; neste movimento, sugere a superação do espaço como noção filosófica e o define como produção do espaço, desdobrando-o enquanto economia política do espaço. Sua efetivação conduz à redução das necessidades sociais a necessidades classificadas e hierarquizadas, equivalendo à perda ou recrudescimento do seu fundamento: os desejos. Num eixo espaço-temporal, a cotidianidade, assim, revela-se, contraditoriamente, como setor social subdesenvolvido, mantendo-se com os restos ou resíduos de conquistas técnicas, científicas e artísticas, submetidas aos desígnios das lógicas e estratégias econômicas e políticas.

A problemática urbana sintetiza o nexos entre produção do espaço social e cotidianidade: à racionalidade industrial, como produtora da anti-cidade, cidade implodida-explodida, aos fragmentos, a cidade como objeto e realidade acabada, propõe, numa inversão, a racionalidade urbana, como o decifrar dos termos dessa mistificação-alienação e, prática e metodologicamente, do urbano como realidade aberta ao virtual. Neste sentido, as contradições sociais abrigam o que define por contradições do espaço. O ponto de encontro com as teorias situacionistas já foi desenvolvido neste

trabalho, mas tem lugar na proposta do plano da vida cotidiana como tempo e espaço da possibilidade de transformação.

Robert Kurz e o Grupo Krisis centralizam seu debate na forma mercadoria e no seu processo de desvalorização. O desenvolvimento das forças produtivas teria chegado a um ponto no qual a quantidade de trabalho presente nas mercadorias é tão pequena que, no limite, pode-se dizer que já existiriam mercadorias sem valor. Isso *apareceria* como processo de desvalorização do dinheiro, quando seria *de fato* processo de desvalorização das mercadorias, e do trabalho. O descolamento entre preço e valor, ou ainda, a vinculação do valor como revés do preço, no decorrer do desenvolvimento das forças produtivas, faria com que o processo de valorização fosse representado pelo preço e não pelo próprio valor. As mercadorias passariam então a ter preço e não valor. O processo de acumulação, portanto, passaria a ocorrer como fetiche de seu próprio conceito. Para entendermos a desvalorização do valor é necessário entender que a quantidade de trabalho socialmente necessário para a produção de mercadorias é cada vez menor, e é cada vez menor no conjunto da composição orgânica do capital-trabalho. Para que aja desvalorização do valor é necessário que aja depreciação em conjunto da composição orgânica do capital. A “saída”, para Kurz, não é a vanguarda, nem a revolução, pois para ele a prática reproduz o capital (não há prática sem mediação da mercadoria), mas sim a crítica negativa, a partir da dialética negativa de Adorno. Vimos neste trabalho como na análise de Debord o espetáculo seria a forma mais desenvolvida da sociedade baseada na produção de mercadorias e no “fetichismo da mercadoria” que daí decorre. Debord, portanto, também centraliza a forma mercadoria na sua análise, mas sem desistir jamais da possibilidade de uma práxis revolucionária.

Queremos com essas considerações finais, colocar Debord, Vaneigem e a Internacional Situacionista, como ponto de debate possível entre essas duas visões, um exemplo de que é possível estabelecer relação entre a centralidade da mercadoria e a análise do plano da vida cotidiana, não para resolver completamente a contradição entre os dois termos, mas para fomentar um debate que, no nosso modo de ver, no momento é inexistente dentro da Geografia.

07. BIBLIOGRAFIA

- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEBORD, Guy. *Potlatch* (1954-1957). Paris: Gallimard, 1996.
- INTERNACIONAL SITUACIONISTA. *Antologia*. Lisboa: Antígona, 1997.
- INTERNACIONAL SITUACIONISTA. *Situacionista: Teoria e Prática da Revolução*. São Paulo: Conrad, 2002.
- INTERNATIONALE SITUATIONNISTE. Paris: Arthème Fayard, 1997
- JACQUES, Paola Berenstein (org). *Apologia da Deriva - Escritos Situacionistas sobre a Cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- JAPPE, Anselm. *Guy Debord*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- JORN, Asger. *Pour la forme*. Paris: Allia, 2001
- KURZ, Robert. *O colapso da modernização*. Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- MARX, Karl. A assim chamada acumulação primitiva. In: *O Capital. Crítica da economia política*. Livro Primeiro, Tomo II, cap. 24. São Paulo: Abril Cultural, 1988.
- MARX, Karl. Mercadoria e dinheiro. In: *O Capital. Crítica da economia política*. Livro Primeiro, Tomo I, cap. 1 a 3. São Paulo: Abril Cultural, 1988.
- POTLATCH. 1954-1957. *O boletim da internacional letrista*. Fenda: Lisboa, 2006.
- VANEIGEM, Raoul. *A Arte de Viver para a Geração Nova*. Porto: Afrontamento, 1980.

Sites

- Bureau of Public Secrets - <http://www.bopsecrets.org/>
- Not Bored - <http://www.notbored.org/>
- Revista Sopro - <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/>
- Situacionist International Online - <http://www.cddc.vt.edu/sionline/index.html>